



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



**Bruna Valentim da Silva**

**AS EXPERIÊNCIAS DOS HOMENS TRANS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE**

**Rio de Janeiro**

**2017**

**Bruna Valentim da Silva**

**AS EXPERIÊNCIAS DOS HOMENS TRANS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.**

**Orientador:** Jonathan Ribeiro Farias de Moura  
**Coorientadora:** Danielle Ribeiro de Moraes

**Rio de Janeiro**

**2017**

**Bruna Valentim da Silva**

**AS EXPERIÊNCIAS DOS HOMENS TRANS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio  
– Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz)  
como requisito parcial para aprovação no  
Curso Técnico em Análises Clínicas.**

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

Banca Examinadora

---

(nome - instituição)

---

(nome - instituição)

---

*Dedico esse trabalho às pessoas trans,  
principalmente aos homens trans.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus orientadores, Jonathan e Danielle, que me acolheram e me ajudaram durante todo o processo da monografia. Sou grata por aceitarem compartilhar comigo um momento tão especial para mim. Não poderia ter escolhido melhores pessoas para me auxiliarem na construção desse trabalho e por todas as trocas de ideias. Todos os ensinamentos durante esse tempo ficarão comigo para sempre.

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico por me proporcionarem a possibilidade de discutir um assunto tão importante como esse e pelo apoio institucional.

Agradeço a minha família e amigos por compreenderem o quanto esse trabalho é importante pra mim, dando apoio e incentivo durante o processo de criação.

*"Só quando se perde o  
medo de perder se  
encontra a alegria de  
achar"  
(João W. Nery)*

## **RESUMO**

Este trabalho possuiu como objetivo discutir o descaso do Sistema Único de Saúde em relação, especificamente, aos homens transexuais. Inicialmente, foi exposto o conceito de transexualidade mostrando a diferença entre sexo biológico e identidade de gênero. A seguir, apontou-se a importância da saúde nos assuntos específicos dos transexuais focando na cirurgia que readequa o corpo do paciente à sua identidade de gênero, garantida pelo SUS. Também foi feita uma diferença entre homem transexual e mulher transexual, uma vez que esse trabalho foca naquele devido à falta de estudo e de representatividade que eles sofrem. Depois, apresentou-se a importância do nome social na vida dessas pessoas que precisam de atendimento no SUS e o direito garantido de usá-lo. Por último, abordou-se a violência e a discriminação nas unidades de atendimento do SUS e suas consequências na vida dos homens transexuais. Para a realização do trabalho, foram realizadas entrevistas com dois homens transexuais que relataram acerca de suas vivências nos atendimentos dos hospitais/ambulatórios do SUS.

**Palavras-chave:** transexualidade; homem transexual; SUS; saúde pública.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 PRIMEIRO CAPÍTULO .....</b>	<b>12</b>
2.1. Apresentação o universo do homem trans .....	12
2.2 Universo do homem trans na saúde .....	16
<b>3 SEGUNDO CAPÍTULO .....</b>	<b>21</b>
3.1. Relatos de homens transexuais: a invisibilidade do homem trans .....	21
3.2. Relatos de homens transexuais: a saúde .....	23
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>5 APÊNDICE A - Roteiro de Entrevistas .....</b>	<b>30</b>
<b>6 APÊNDICE B - Entrevistas .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os transexuais são pessoas que não se identificam com o seu sexo biológico, gerando um conflito, devido ao não-pertencimento, entre sua identidade de gênero e o seu sexo anatômico. O sexo biológico é determinado pelas características fenotípicas e genotípicas presentes no corpo do indivíduo, enquanto identidade de gênero diz respeito a como o indivíduo se enxerga dentro do conceito de gênero estabelecido na sociedade, sua forma de expressar o seu gênero, podendo ser divergente do sexo biológico. Portanto, uma pessoa transexual não tem suas características anatômicas, fenotípicas e genotípicas correspondente a sua forma de se ver dentro dos padrões de gênero. (ARÁN; MURTA; LIONÇO, 2009)

A condição de pessoa transexual faz diferença no aspecto da saúde, pois essas pessoas podem ou não buscar formas de readequar seu corpo à sua identidade de gênero através de cirurgias que são garantidas pelo SUS desde 1997, quando foi autorizado pelo Conselho Federal de Medicina na Resolução nº 1.482/97. Essa cirurgia só é garantida aos transexuais porque essas pessoas são consideradas, equivocadamente, portadoras de disforia de identidade de gênero. Para ter o acesso à cirurgia, o paciente precisa apresentar critérios que o identifique com disforia de gênero e faça o acompanhamento do programa durante no mínimo dois anos e, ao final do processo, ocorra uma confirmação do "diagnóstico". (ARÁN; MURTA; LIONÇO, 2009)

O processo readequação sexual oferecido pelo SUS ocorre através de cirurgias de transgenitalização (neocolpuvulvoplastia, neofaloplastia, mastectomia e histerectomia), hormonioterapia e acompanhamento com psicólogos, ginecologistas, endocrinologista, urologistas, clínicos gerais e serviço social. Para ter acesso aos procedimentos cirúrgicos, é necessário que o paciente faça o acompanhamento de dois anos com uma equipe de multiprofissionais e o "diagnóstico" confirmado, além também de ter no mínimo 18 anos para a realização das cirurgias e 16 anos para o início da hormonioterapia. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013)

Dentro do grupo de pessoas transexuais, existem os homens transexuais e as mulheres transexuais.

Mulheres transexuais são mulheres que não se identificam com seus genitais biológicos masculinos, nem com suas atribuições sócio-culturais. Em alguns casos, podem exercer sua identidade de gênero feminina em consonância com seu bem estar bio-psico-social através da cirurgia de redesignação sexual.

Homens transexuais são homens que não se identificam com seus genitais biológicos femininos, nem com suas atribuições sócio-culturais. Em alguns casos, podem exercer sua identidade de gênero masculina em consonância com seu bem estar bio-psico-social através da cirurgia de redesignação sexual. (BRASIL. Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica. Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. Brasília, 2010.)

Esses aspectos também influenciam no âmbito da saúde. Atendimentos especializados no gênero masculino são restritos ao órgão genital, portanto o homem transexual não-operado sofre com esse processo, muitas vezes por discriminação e constrangimento. As demandas dos homens transexuais na área da saúde são muitas, como podemos ver nesse relato do transexual Alexandre dos Santos sobre quais as demandas dos homens transexuais na saúde:

Precisamos de uma atenção à saúde dos homens trans desde o processo transexualizador a todas as outras transversalidades que dizem respeito à saúde integral, considerando a perspectiva do corpo lido como sendo do sexo feminino, somos homens e exigimos respeito a nossa identidade de gênero. (REVISTA FÓRUM SEMANAL. São Paulo, 2014-)

Na área da saúde, apesar da Política Nacional de Saúde Integral LGBT, que tem como objetivo garantir equidade no SUS, qualificar os profissionais para um atendimento integral à população LGBT, entre outras estratégias, há um despreparo dos profissionais em relação aos atendimentos às pessoas transexuais. Isso ocorre devido a uma falta de estudos, debates e

discussões sobre gênero na profissionalização dessas pessoas que entram em contato direto na assistência desse público específico, acarretando situações constrangedoras aos pacientes.

Essas pessoas, além de buscar o SUS para cirurgias, também buscam para consultas médicas rotineiras. Entretanto, há casos que os atendimentos aos transexuais são negligenciados ainda na chegada, pelos recepcionistas, além de também serem negligenciados pelos médicos. O caso de negligência ao atendimento às pessoas transexuais no SUS é relato de várias pessoas transexuais que buscam assistência. É possível encontrar diversas descrições sobre violência, preconceito e falta de preparo de funcionários em atendimentos a esses pacientes. Muitos transexuais buscam meios alternativos para não sofrer tais violências, como, por exemplo, a automedicação, colocando em risco a sua própria saúde.

Atualmente, não há tanta pesquisa no meio acadêmico sobre as pessoas transexuais, principalmente o homem transexual que é sempre preterido. A falta de conteúdo nessa área dificulta uma pesquisa mais aprofundada além de não propor um maior debate/reflexão sobre pessoas transexuais. Existem inúmeras políticas de saúde e direitos de pessoas transexuais pelo SUS, mas por que ainda existem muitos relatos e denúncias de violência e preconceito dentro dos serviços do SUS? O que ainda impede que essas ações não sejam postas em práticas? Faremos uma reflexão futuramente para entender quais são as barreiras que impedem que as propostas sejam realmente aplicadas, para que, finalmente, o nosso Sistema Único de Saúde seja integral, igualitário e universal.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as experiências dos homens transexuais dentro das unidades do Sistema Único de Saúde, desde consultas rotineiras à busca das cirurgias do processo transexualizador fornecido pelo o mesmo. A partir disso, os objetivos específicos serão: debater sobre a falta de preparo na formação dos profissionais do SUS; compreender a importância do nome social no processo de eliminar os descumprimentos de direitos e o acesso dos serviços de saúde; refletir sobre a falta de visibilidade do homem transexual; analisar se as estratégias de Política Nacional de Saúde Integral LGBT para os transexuais são realmente aplicadas no SUS.

O projeto está baseado na abordagem qualitativa. É usado como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Scielo, tendo como referência os descritores: transexualidade, homem transexual, saúde pública e SUS.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com dois homens transexuais. A entrevista foi realizada na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio no campus Manguinhos na Fundação Oswaldo Cruz, submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EPSJV-Fiocruz. A pesquisa foi baseada tanto na análise dos relatos dos entrevistados, quanto na revisão da literatura sobre o tema.

## **2 PRIMEIRO CAPÍTULO: O UNIVERSO DO HOMEM TRANS.**

Neste capítulo, será apresentado os principais aspectos sobre homens transexuais. Na primeira parte, é apresentado o que é um homem trans, a partir das definições e conceitos, logo após, os índices de violência contra a população em geral, devido a falta de dados sobre homens trans, com números e estimativas de Organizações Não Governamentais (ONG's) e Ministério dos Direitos Humanos. É elucidado os principais aspectos para a invisibilidade do homem trans.

Na segunda parte do Primeiro Capítulo, o foco principal é a saúde do homens trans, começando por uma contextualização da saúde no Brasil até as conquistas de direitos ligados a saúde de pessoas trans. Com imagens ilustrativas, é explicitado os principais elementos das cirurgias do processo transexualizador no país. Ao final, uma reflexão sobre a patologização da transexualidade.

### **1.1. - Apresentação o universo do homem trans.**

Homens transexuais, como dito anteriormente, são homens que nasceram com seu sexo biológico feminino, portanto, todas as suas atribuições socio-culturais também são do sexo feminino, porém sua identidade de gênero pertencente ao sexo masculino. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012). Desta forma, homens transexuais podem ou não buscar meios que readequem seu corpo à sua identidade de gênero.

Para entender melhor o universo trans, a busca de dados e conteúdos é de muita importância, mas, infelizmente, para os homens trans, há uma enorme escassez de estudos e pesquisas sobre dados e constatações, como por exemplo apontado por Ávila e Grossi:

Partimos da constatação de que são praticamente inexistente, no Brasil, estudos sobre transmasculinidade e que os transexuais masculinos parecem ter menos visibilidade que as transexuais femininas, tendo em vista a ampla variedade de estudos sobre travestilidades femininas.

Então, para meios de busca de dados foi preciso pesquisar em Organizações Não-Governamentais (ONGs). Ainda assim, os dados encontrados são da população trans em geral, não especificamente do homem trans. O dado mais alarmante sobre a população trans é sobre o Brasil ser o país que mais mata transexuais e travestis no mundo todo. Foram cerca de 604 mortes no país registradas entre 2008 e 2014, dados da ONG europeia Transgender Europe (TGEU). Dentro desses números, 22 homens transexuais (Empresa Brasil de Comunicação: EU, TRANS. 2015). Já segundo os dados do Grupo Gay Bahia, em 2016, foram 127 mortes de pessoas transexuais. O que deixa a vida média de uma pessoa trans por volta dos 35 anos, menos da metade da média dos brasileiros que é de 75 anos.

Segundo o Ministério dos Direitos Humanos, em 2015 foram 1983 denúncias feitas pelo disque 100 para a população LGBT. Em 2016, o número caiu para 1876, uma diminuição de - 5,40%. Dentro desses números, 45% das vítimas são gays, 20% de lésbicas, 14% de pessoas transexuais, 13% de travestis, 7% de pessoas bissexuais e 1% de heterossexuais. Os locais das denúncias estão apresentados no gráfico a seguir:

Figura 1 – Gráfico dos principais locais de casos de LGBTfobia no país.



Fonte: Ministério dos Direitos Humanos, 2016. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/disque100/balancos-e-denuncias/balanco-disque-100-2016-apresentacao-completa/>  
Acesso em 17 de setembro de 2017.

A maioria das denúncias feitas aconteceram em locais públicos, como ruas, onde há uma maior vulnerabilidade a esses tipos de violência. O local descrito como "Outros", no gráfico acima, que possui cerca de 26%, são lugares como igrejas, templos religiosos e transportes públicos (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2016).

Como é possível observar nos dados acima, o número de violência cometida contra os homens trans é bem menor comparado com as mulheres transexuais e travestis. Sendo assim, os olhares para as questões dos homens transexuais também diminuem, levando a invisibilização de suas demandas e sua luta não alcançando os mesmos lugares das mulheres trans e travestis.

É muito difícil dizer quem são os homens transexuais, pois há uma enorme diversidade dentro do universo trans, como é dito por Almeida:

Os homens trans são diferentes entre si em função dos próprios marcadores sociais de diferenças, como a classe social, a raça/cor, a orientação sexual, a geração, a origem geográfica, entre outras. [...] Em suas narrativas, há frequentes experiências de discriminação compostas de marcos, como a rejeição do lugar outorgado pelo binarismo de gênero (baseado na leitura inicial de sua genitália) e por experiências sociais variadas de sexismo e homofobia em decorrência dessa rejeição (ainda na infância e prolongando-se na idade adulta). Essas experiências e marcos culminam na decisão de, em algum momento da vida, reclamar a identidade masculina. Tal decisão é associada não só à possibilidade de obtenção de conforto psíquico, mas de respeito e reconhecimento social. (ALMEIDA, p. 517, 2012)

Em outras questões, como outras relações com o movimento LGBT, o homem trans é deixado de lado. Muitas vezes os homens trans perdem seus espaços e são jogados aos espaços de lésbicas e bissexuais, invisibilizando-os ainda mais. Segundo Alexandre dos Santos, em uma entrevista para a Revista Forum, em 2014, o movimento do homem trans é relativamente novo e por isso ainda possui pouca força. Atualmente anda ganhando um pouco mais de força, pois se junta com outros grupos, como por exemplo, de mulheres transexuais e travestis, porque, Segundo Alexandre dos Santos: "Consideramos de grande importância que as identidades políticas trans, travestis, mulheres transexuais e homens trans estejam unidas para fortalecimento mútuo." Porém,

o homens trans acabam não ganhando seu próprio espaço dentro de organizações do movimento, deixando sua voz apagada.

Para Almeida (p. 519, 2012) há grandes barreiras na luta para a visibilidade do homem trans, principalmente na criação de estudos e pesquisas. Um dos principais motivos é a sociedade ser falocêntrica e machista, que acredita não ser possível haver uma transição do sexo biológico feminino para o masculino. Nessa perspectiva falocêntrica, "é como se os comportamentos e os significados considerados masculinos emanassem necessariamente da presença material original do pênis". Mesmo quando um homem trans apresenta uma aparência já transicionada e masculinizada, ainda há um questionamento sobre sua identidade de gênero, no momento da ausência de um órgão genital masculino.

Outro motivo apontado por Almeida para a invisibilidade do homem trans é a passibilidade existente quando o homem já fez o processo transexualizador. Na construção de "corpos sociais masculinos" a mastectomia e hormonioterapia, a longo prazo, mostram um resultado eficaz na aparência, assim, homens trans passam despercebidos muito mais vezes que mulheres trans.

Essa invisibilidade adquirida com frequência a duras penas significa para a maior parte um agradável momento de trégua na estressante e contínua batalha por respeito à identidade/expressão de gênero. [...] É possível que o desejo predominante seja de fato o de sumir na multidão, o 'direito à indiferença'. Esse é facilitado pelo fato de que o passing, como dito, é obtido com facilidade. (ALMEIDA, p. 519. 2012.)

No mercado de trabalho, a situação não melhora muito para pessoas transexuais. O problema na vida de um transexual começa antes mesmo do mercado de trabalho, a falta de oportunidades e assistência para estudo é maior ainda. Por falta de apoio familiar, violência e discriminação resultam em um impedimento para que essas pessoas terminem seus estudos e, sendo assim, entrem em situações vulneráveis, como a prostituição. Segundo a ONG Transrevolução, 90% das mulheres trans acabam indo, por falta de opção, para a prostituição (REVISTA FÓRUM, 2017).

Nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, existem programas sociais de apoio a estudos e capacitação para mulheres e homens trans. No Rio, Projeto Damas, da Coordenadoria Especial da

Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio (Ceds-Rio), beneficia mulheres trans que queiram ingressar no mercado de trabalho. Contudo, há reclamações das pessoas que participaram do projeto, como diz Lívia Andrade, 29 anos, na entrevista ao site Os Entendidos: "Na minha turma de 2014, nenhuma menina foi contratada através do projeto". (REVISTA FÓRUM, 2017). Em São Paulo, o Projeto Reinserção Social Transcidadania tem como objetivo preparar a população LGBTTT para a reinserção no mercado de trabalho. No primeiro ano de projeto, foram 100 pessoas beneficiadas com as aulas, o número dobrou em 2016, passando para 200 o número de pessoas trans participantes. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016)

Além da dificuldade de conseguir formação, existe ainda as barreiras que impedem uma pessoa trans de conseguir emprego. Mesmo quando mulheres e homens trans são graduados e prontos para exercer uma função no trabalho, possuem seus trabalhos negados devido a sua identidade de gênero. Quando uma pessoa trans consegue seu emprego, ainda tem que enfrentar dificuldades no meio profissional, como conta Cauã Cintra, 20 anos, na entrevista à Revista Fórum:

Eles não respeitam meu nome social, não respeitam meu gênero, não respeitam nada. Eu trabalho no segundo andar. Os equipamentos do servidor do TI ficam no quarto andar. Eles me obrigam a usar o banheiro do quarto andar para ninguém me veja. Dizem que uma mulher poderia ficar constrangida se eu usasse o banheiro feminino, mas não me permitem usar o masculino”, contou o analista de sistemas goiano. “A minha dificuldade é lidar com a transfobia diária que eu sofro lá. Mas eu não posso largar o meu emprego que eu preciso para viver. (Revista Forum, 2016)

## **1.2 - Universo do homem trans na saúde.**

Para entender melhor os direitos dos transexuais e, posteriormente, o descaso nos atendimentos nas unidades públicas do país, é necessário compreender o contexto da saúde brasileira. O direito a saúde é garantido na constituição de 1988, devido a luta do Movimento da Reforma Sanitária. Logo após, foi apresentada a Lei Orgânica da Saúde, nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, no qual é apontado o conceito amplo de saúde para serviços no âmbito da saúde ao longo de todo o país. Segunda a Lei nº 8.080:

A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, moradia, o saneamento básico, o meio-ambiente, trabalho, a renda, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do país. (Lei nº 8.080, de 19 de set de 1990, Brasília.)

Portanto, saúde não é apenas ausência de doença, é definida também por condições sociais, econômicas e psicológicas dos indivíduos. Não se pode considerar também saúde como um conceito fixo, deve-se levar em consideração o lugar, o contexto histórico e desenvolvimento. A partir disso, chegou-se nas definições das diretrizes do Sistema Único de Saúde- SUS:

Art. 7º. I - Universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência; II - integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema; III - preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral; IV - igualdade de assistência à saúde, sem preconceito ou privilégios de qualquer espécie. (Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, Brasília.)

Devido as diretrizes do SUS, o Ministério da Saúde deve implementar políticas para que a saúde esteja de acordo com seus princípios de integralidade, universalidade e equidade. Dentre várias políticas para a população brasileira, existe a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, aprovada no 14º Conferência Nacional de Saúde por meio da portaria nº 2.836, que tem como objetivo diminuir os efeitos do preconceito institucionalizado que causam consequências na vida de pessoas LGBTs. Essa política tem como as principais propostas: garantir a equidade do SUS, qualificar a rede do SUS para o respeito e atendimento integral à população LGBT, viabilizar estudos e pesquisa voltada para esse público, garantir o uso do nome social aos transexuais, etc (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Em 2006, pessoas LGBTs conseguiram seu espaço no Conselho Nacional de Saúde (CNS). Esse avanço foi importante, pois era necessário que as demandas da comunidade LGBT fossem ouvidas e discutidas pelo SUS para que possam ser geradas estratégias de políticas de acordo com a necessidade do público, levando a participação democrática dentro do SUS. A Política Nacional

de Saúde Integral LGBT teve algumas propostas importantes para pessoas transexuais que utilizam o Sistema Único de Saúde, de forma que melhorassem suas experiências dentro das unidades de saúde. Como por exemplo, aprimorar o acesso de pessoas transexuais as cirurgias de readequação do sexo, garantir o direito ao nome social nos atendimentos do SUS e buscar aperfeiçoamento de técnicas e tecnologia nos processos transexualizadores de mulheres e homens trans (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Nome social é o nome que as pessoas transexuais preferem ser chamadas, respeitando a sua identidade de gênero, em contraste do seu nome que está no registro de nascimento. O nome social também é garantido aos transexuais na Carta de Direito dos Usuários do SUS no 3º princípio - Art. 4:

O terceiro princípio: É direito dos cidadãos atendimento acolhedor na rede de serviços de saúde de forma humanizada, livre de qualquer discriminação, restrição ou negação em função da idade, raça, cor, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, características genéticas, condições econômicas ou sociais, estado de saúde, ser portador de patologia ou pessoa vivendo com deficiência, garantindo-lhes: I - A identificação pelo nome e sobrenome devendo existir em toda documentação de identificação do usuário um campo para se registrar o nome pelo qual prefere ser chamado, independente do registro civil, não podendo ser número, nome de doença, código de modo genérico, desrespeitoso ou preconceituoso. (Ministério da Saúde. Carta dos Direitos dos Usuários do SUS. Brasília, 2012).

O nome social também foi incluso no Cartão do SUS para os usuários transexuais, desde 2013 pelo Ministério da Saúde. A inserção do nome social é um direito muito importante para todos que necessitam desse recurso, isso reconhece os usuários pela sua identidade de gênero e evita constrangimentos que causam sofrimento àqueles que não são respeitados, podendo gerar abandono e afastamento do paciente nos atendimentos oferecidos pelo SUS.

Os Determinantes Sociais de Saúde, de acordo com Organização Mundial da Saúde, são aspectos sociais que interferem os fatores de risco e o acesso à saúde, como por exemplo, fatores econômicos, psicológicos, valores culturais, ambiente de trabalho etc. Para pessoas transexuais, os DSS geram um grande impacto em sua saúde, já que muitos transexuais sofrem estigmas sociais que os deixam em condições vulneráveis, como baixa empregabilidade, violências e preconceitos que podem causar abalos em seu bem-estar e sua saúde psicológica. Essa condição precisa ser

levada com consideração pelo SUS para promoções de saúde que ampliem a assistência psicológica e cuidados de bem-estar físico e mental dessa população.

Como é um direito de todo transexual a cirurgia do processo transexualizador, são necessários ambientes prontos para a realização das mesmas. Em todo o território nacional, há apenas 11 centros especializados para atender a população trans. Já instituições para proceder as cirurgias de redesignação sexual são apenas 4 em todo o país: Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, para uma população estimada de 752 mil transexuais no Brasil. A seguir o mapa dos centros especializados no país:

Figura 2 – 11 centros especializados em para transexuais pelo SUS.



Fonte: Correio Brasiliense. Disponível: <<http://especiais.correiobrasiliense.com.br/receber-cuidados-medicos-e-desafio-para-transsexuais>>. Acesso em: 17 de setembro de 2017.

Segundo o Governo Federal, de 2008 até 2014 foram realizadas através do Sistema Único de Saúde "6.724 procedimentos ambulatoriais e 243 procedimentos cirúrgicos em quatro serviços habilitados no processo transexualizador no SUS." (PORTAL BRASIL, 2015).

Em comparação com o número de transexuais no Brasil, o acesso à cirurgia é limitada. Nem todos as pessoas que querem se submeter ao processo de transição conseguem o ingresso. Mesmo com a entrada no procedimento, há muitas reclamações de transexuais sobre os meios levados pela equipe multidisciplinar a conseguir o "diagnóstico" de transexualidade. A cirurgia só é garantida aos transexuais, pois transexualidade é considerado patologia pelo Conselho Federal de Medicina.

Essa consideração da patologização da transexualidade é baseada num discurso normativo de gêneros, que tem como origem a heteronormatividade binária. Assim, aquelas pessoas que não se identificam com seu sexo biológico são enquadradas com transtorno de identidade de gênero. (ARÁN; MURTA; LIONÇO, 2009)

Na resolução do Conselho Federal de Medicina número 1955/2010, no artigo 3º, apresenta características de uma pessoa transexual para conseguir a cirurgia:

Art. 3º Que a definição de *transexualismo* obedecerá, no mínimo, aos critérios abaixo enumerados:

- 1) Desconforto com o sexo anatômico natural;
- 2) Desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto;
- 3) Permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos;
- 4) Ausência de outros transtornos mentais.

Portanto, para uma pessoa conseguir o "diagnóstico" de disforia de gênero é necessário a persistência de desconforto com o corpo e todos os critérios durante os dois anos do processo. Essas características criam um tipo de "transexual verdadeiro" abordado Rodrigo Borba (p. 42, 2016) a partir de teorias de Harry Benjamin e Robert Stoller que são utilizadas como base para os critérios de diagnósticos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde. Como por exemplo: depressão e suicídio; aversão ao genital; desejo profundo pela cirurgia de redesignação sexual, reconhecimento da transexualidade na infância. (BORBA; P. 43. 2016)

Sendo assim, um transexual no processo transexualizador, deve-se mostrar ser um "transexual verdadeiro" para conseguir seu laudo médico. Logo, "o cidadão transexual tem de convencer, a qualquer custo, a equipe médica do diagnóstico do transexualismo, de maneira a aceder à cirurgia." (DIAS; ZANEVIC, 2014). Isto é, para uma pessoa transexual, a relação paciente-médico se inverte. Em uma consulta normal, o paciente descreve os sintomas para o médico dar o diagnóstico de uma doença desconhecida. No caso da transexualidade, a pessoa sabe que é transexual, no entanto, tem que provar ao seu médico que seu perfil se enquadra nos critérios

do Conselho Federal de Medicina para receber o acesso a cirurgia, seja suas características verdadeiras ou não. (DIAS; ZANEVIC, 2014).

### **3 SEGUNDO CAPÍTULO: EXPERIÊNCIAS DO HOMEM TRANS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE.**

O segundo capítulo será baseado nas duas entrevistas realizadas com homens transexuais que utilizaram as unidades do Sistema Único de Saúde. As entrevistas foram transcritas e serão utilizados trechos nesse capítulo. A primeira parte do capítulo será abordado os aspectos do homem trans, como invisibilidade, posição no movimento LGBT, entre outros. Na segunda parte do capítulo, o objetivo será as experiências dos entrevistados no SUS e seus relatos.

#### **3.1. - Relatos de homens transexuais: a invisibilidade do homem trans.**

Como dito no capítulo anterior, a invisibilidade dos homens transexuais é recorrente dentro dos espaços de luta e dentro de representações midiáticas das pessoas transexuais. Além dessas diferenças entre o homem transexual e a mulher transexual apresentadas na introdução, existe a diferença da participação e visibilidade entre os dois. Apesar de ambos serem tratados com preconceito, discriminação e serem marginalizados pela sociedade, há uma maior invisibilidade no caso de homens transexuais. Como por exemplo, nas participações na mídia, quando há presença de transexuais, é sempre a mulher transexual que é representada. O homem transexual é sempre ocultado, até mesmo dentro do movimento LGBT.

Segundo Juliana Porto (2014, p.1), invisibilidade é um termo que se refere àqueles que são invisíveis diante a sociedade, sendo por meio de discriminação, preconceito ou descaso. Essas pessoas constantemente são marginalizadas e suas vozes são ignoradas. A invisibilidade também é associada com a identidade do sujeito e sua relação com sua função social. Como por exemplo, em esferas de trabalhos, mulheres quando apresentam suas opiniões e ponto de vistas não são levadas em consideração na presença, principalmente, de homens. Isso é um reflexo de ambientes machistas que diminuem mulheres tornando-as invisíveis. Como é dito por Orlandi, em seu livro "As Formas do Silêncio" de 1992: "Como no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo

tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos 'lugares', ou melhor, proibem-se certas 'posições' do sujeito." Ou seja, a invisibilização está ligada aos "lugares" ocupados socialmente por grupos que sofrem por isso, afetando diretamente a identidade do sujeito.

Na situação de homens trans, invisibilidade social gera o silenciamento de suas questões de luta por direito. Todos esses processos levam enfraquecimento do movimento dos homens trans. Como dito no capítulo anterior, a invisibilidade do homens trans também está relacionada com a passabilidade e com a sociedade falocêntrica e machista. Segundo o entrevistado J., 25 anos, essas questões são ainda mais profundas:

O homem transexual, vou falar por uma parte, na verdade, uma parte dos homens trans, não liga pra essa coisa de passabilidade. Eles não querem passabilidade, eles querem viver do jeito que eles querem. Só que, infelizmente, na sociedade que a gente vive, precisamos da passabilidade, pra que a gente não seja estuprados no banheiro, não seja agredido no corredor, pra que a gente consiga entrar no bar sem ser... [pausa] Sei lá, passar por um constrangimento [...]. E a gente realmente passa com mais facilidade na transição. Conseguimos esconder ali ou aqui, gestos, posturas. Não passar como homem, mas passar sem ser morto, sem ser agredido.

Segundo J., com relação as travestis, que possuem bem menos passabilidade que os homens trans, muitas vezes elas agem como um escudo para eles, devido a história de resistência das mulheres travestis no Brasil. Portanto, muitos homens trans acabam se escondendo atrás das travestis, como forma de proteção, e preferem permanecer assim para não ter que passar pela mesma violência que elas passam todos os dias. Desse modo, a passabilidade acaba ajudando os homens trans viverem de forma quase imperceptível na sociedade, tornando difícil criar um movimento que seja unido e forte.

É extremamente compreensível a preferência de muitos homens transexuais de permanecerem ocultos pela sociedade. As mudanças que essas pessoas passam em suas vidas, desde a identificação como transexual à violência, torna-se muito mais reconfortante passar sua vida sem o risco de agressões, hostilidades e crueldade.

Para J., a situação de homens trans há esperanças devido as mudanças dentro do movimento. Muitos homens trans agora estão começando a integrar as mesas de debates e estão entrando avidamente no ativismo T (Ativismo Transexual). Mas, infelizmente, há muito ainda o que caminhar, porque além da invisibilidade em relação com as mulheres trans e travestis, a

situação piora muito quando o assunto se trata do movimento LGBT em geral. Segundo os entrevistados, as demandas dos transexuais é deixada de lado, principalmente dos homens trans.

De acordo com o K.:

É o famoso "nós por nós". Tem gente preocupada, mas não vejo o movimento para isso. Ainda há muito apagamento e silenciamento. Nós que devemos nos unir e fazer nossas reivindicações, até porque, apenas os homens trans podem saber de suas necessidades.

Um dos principais motivos apontados é a maneira como muitas lésbicas feministas radicais e gays misóginos lidam com os homens trans. O feminismo radical tem uma visão de gênero que entra em contraposição a visão de gênero que estabelece as questões transexuais, desse modo, muitas feministas radicais e pessoas trans acabam entrando em conflito. Já os homens gays cisgênero, tem uma visão sobre os homens trans sexualizada e tratando-os como objetos. Além disso, o machismo de muitos homens gays interfere nas possíveis relações entre eles.

Como conta J.:

Um exemplo foi a parada LGBT, o tema foi "Minha identidade de gênero", sobre transgêneros. E eu cheguei na Parada e simplesmente, não tinha nenhuma bandeira trans. Quem chegou lá com a bandeira foi a Indianara (Indianara Siqueira, ativista e vereadora suplente) e um rapaz que chegou com a bandeira e jogou na mão do João Nery (Primeiro trans a conseguir cirurgia no Brasil). Todos os carros... [pausa] Não tinha... Não podíamos nem subir nos carros. E um carro só conseguimos subir porque a Indianara ajudou. Todos os outros estavam lotados de pessoas cis, e pior, cis héteros que eles contrataram... Gogoboys pra ficar dançando de anjinho. Não sei que m\*\*da é aquela.

Para melhorar essa situação, os entrevistados acreditam que é preciso os outros movimentos reconhecerem seus privilégios diante à situação das pessoas trans e ajudá-los, dando força e compreendendo uma melhor forma de fortalecer todos.

Eles (gays) não tem privilégio perante a sociedade, mas ao movimento, os gays tem privilégio. Assim como o homem trans branco tem privilégio sobre o homem trans negro. Então, temos que reconhecer isso. Ter noção das coisas. Um ajudando o outro, entendeu? Mas... tipo [pausa] Pro movimento melhor, as pessoas tem que parar com isso de estrelismo, reconhecer os privilégios no movimento e botar o outro pra cima também. Dar a mão pro outro pra puxar pra cima também porque se não estiver juntos a gente não consegue. (J., 25 anos.)

### **3.2. - Relatos de homens transexuais: a saúde.**

Nessa parte do capítulo, será mostrado os principais relatos sobre as experiências dos homens trans em unidade de saúde do Sistema Único de Saúde. Essas descrições são necessárias para que seja possível a compreensão sobre o cenário que muitos homens transexuais sofrem para conseguir um simples atendimento até a cirurgia de redesignação.

Muitas dessas informações tem um ponto de partida: a recepção. Para pessoa cisgênero, ir a uma recepção de um hospital é apenas uma parte burocrática cotidiana para a preparação do atendimento. Para um pessoa trans, é um início de uma longa batalha: o uso do nome social. Muitos profissionais não tem conhecimento algum sobre o que é transexualidade, tampouco sobre nome social. O direito ao uso do nome social é garantido pela Carta de Direito dos Usuários do SUS. Além de garantir, o SUS precisa preparar os funcionários para atender as pessoas trans. As experiências dos entrevistados mostram que não é exatamente o que acontece quando procuram um atendimento no SUS.

Já começou o problema na recepção. Na recepção eles não sabem tratar uma pessoa transsexual. Eles ficam conversando, você chega pra falar com a pessoa, eles ficaram horas batendo papo de costa pra você sem te dar atenção. Já começou aí. Só que eu já tinha noção dos direitos. Eu fui com esse meu amigo porque ele estava iniciando a transição. Eu expliquei pra recepcionista colocar o nome social e ela não se importou, disse que não tinha como e eu expliquei novamente, mas enfim... [pausa] Falei pra ela só avisar a médica e ela foi... e não anotou o nome social. Eu peguei o papelzinho, se eu não me engano eu que coloquei o nome. E ela levou pra médica e depois que eu cheguei na médica, a médica ficou indecisa em qual nome chamar. Era uma endócrina essa. E ele pediu pra que eu entrasse na sala com ele. Ele me pediu. E aí ela chamou pelo nome feminino e aí quando ele entrou, eu entrei com ele e falei "Não, fica tranquilo, deixa, eu tô com você, não tem problema as pessoas ficarem te olhando. A gente 'tá' junto". E aí a gente entrou e ela disse que não estava entendendo porque tinha dois nomes e a gente explicou. E aí a resposta foi a mesma, foi muito engraçado porque já tinha se passado um bom tempo e ai repetiu a história que aconteceu comigo (J., 25 anos)

Uma simples questão como o nome se torna um grande problema para homens transexuais. O nome social é importante para as pessoas trans, pois os reconhece pela identidade de gênero e evita contrangimento que causam afastamento de tratamento médico. O direito ao uso do nome social deve ser respeitado em todas as unidades do SUS no país. A história citada por J. acima, conta quando ele foi no mesmo lugar e o médico recusou a dar encaminhamento para o Centro de

Referência para começar a transição. Após a recepção, a batalha não acaba. Os médicos recusam aceitar pacientes transexuais por não saberem o que fazer ou por puro preconceito. Já quando os médicos não negam o atendimento, a assistência é uma série de discriminação.

Uma das denúncias principais de um dos entrevistados é sobre o processo transexualizador em um dos Centros de Referência do SUS. O entrevistado J. depois de um longo caminho para conseguir encaminhamento, conseguiu, finalmente, ter sua chance de realizar a cirurgia de redesignação. Lamentavelmente, não foi como o esperado. O entrevistado faz uma denúncia muito grave ao hospital em que deu entrada para o processo da cirurgia e ao psiquiatra que o atendeu. O nome do hospital e do psiquiatra serão mantidos em anônimo durante todo o relato.

Então, na portaria (Portaria 2.803, que garante direito a cirurgia pelo SUS) você tem que ter acompanhamento com uma equipe multidisciplinar, é um endócrino, assistente social, psiquiatra, psicóloga, de repente um (médico) clínico (geral), mas os principais são esses quatro, eles trabalham juntos. Tudo que você faz, um passa pro outro. Pra no final, você pegar um laudo com assinatura de todo mundo. No H. (Hospital que realiza as cirurgias pelo SUS), na época, como falei, quando cheguei lá... Cheguei cheio de esperanças porque, finalmente, consegui o encaminhamento. Pra entrar lá, só de início eles dizem que tem uma fila... [pausa] uma fila que não existe. Cheguei lá com meu encaminhamento, consegui me cadastrar e esperei a tal data e fui ser atendido por esse tal psiquiatra, aí falaram "Não, primeiro a consulta é com Dr. C., e depois de um certo tempo, você tem que passar na urologia que o urologista que é o cirurgião que faz a cirurgia dos homens trans e das mulheres trans e travestis, e ele também é endócrino. [...] E eu fiquei "Gente, quando que vai abrir a vaga?" aí falaram "Ah, mas 'tá' fechado a vaga". Aí fiquei esperando, coloquei meu nome lá mas fiquei no psiquiatra. E esse psiquiatra, você pode perguntar pra qualquer pessoa trans, todos vão te dizer a mesma coisa, os que passaram por ele e a maioria passa por ele. Eu entrei lá com uma fobia social, antigamente, e to tratando agora, mas eu sai de lá com vontade de me matar, e não foi apenas na primeira consulta, foi durante as consultas, eu fiquei lá por um ano até que não aguentei mais. Eu desisti, nem peguei o laudo porque o laudo é só com dois anos. Ele faz muitas brincadeiras psicológicas mesmo, ele... ele... [pausa] apesar de ter que fazer o trabalho dele, eles tratam a transexualidade como doença, mas uma pessoa sã sabe que não é bem isso, mesmo que tenha que fazer o trabalho dele.

Com todo os abusos psicológicos, o entrevistado desistiu de realizar a cirurgia pelo Sistema Único de Saúde, preferiu pagar a cirurgia com ajuda de outras pessoas e empréstimos para conseguir realizar seu sonho. O segundo entrevistado também desistiu de realizar a cirurgia no

SUS. A intolerância leva muitas pessoas transexuais a realizar as cirurgias no sistema privado. O SUS garante um atendimento humanizado e igualitário, não é exatamente o que acontece com os transexuais quando buscam ajuda nos serviços de saúde pública. É perceptível a falta de preparo dos funcionários em relação as pessoas trans, mesmo com a Política Nacional de Saúde Integral LGBT tendo uma das principais estratégias a preparação dos profissionais de saúde para o atendimento com pessoas trans, como conta o entrevistado K.

Nossos médicos não estão preparados para atender as pessoas trans. Precisamos de exames de diagnóstico, por exemplo, e é sempre um constrangimento para um homem trans fazer uma simples ultrassonografia. Tenho o privilégio de ter um bom plano de saúde e nenhum endócrino aceitou fazer o acompanhamento por falta de preparo. É extremamente necessário mais pesquisas a cerca de nossas vivências de forma científica e não apenas sociológica.

O tema "transexual verdadeiro" abordado do capítulo anterior é recorrente durante o processo transexualizado no SUS. Baseado em um sistema binário, os profissionais que não estão preparados para atender as pessoas transexuais buscam formas de enquadrá-las nos papéis de gênero masculino e feminino, fundamentando seu diagnósticos em puro preconceito. Muitos transexuais, para conseguir seu diagnóstico, seguem um modelo que seja aceito pelos médicos que liberam o laudo para cirurgia, mudando suas roupas, cabelos e acessórios. Isso mostram como o sistema para conseguir a cirurgia é falho e baseado em julgamentos acerca do tema.

Esse dr. C. começou fazer pergunta do tipo se a blusa que eu tava usando era de que setor de loja, masculina ou feminina. Aí eu estranhei porque achei que fosse ser acolhido. Aí ele perguntou porque eu estava la, aí eu falei "'Tô' aqui porque tenho que seguir a portaria, sou um homem transexual, não sou doente e eu preciso de um laudo pra cirurgia." Fui bem direito, porque sou bem sincero e não ia me fingir de boneco pra ele fazer o que quer. [...] E tipo assim, [pausa] nessas perguntas ele começou a perguntar se eu usava cueca ou calcinha, começou a perguntar, na época estava namorando outra pessoa, ele começou perguntar se namorava homem ou mulher. [...] E ele era mt doido, porque ele tava, assim, conversando comigo aí do nada levantava e ia numa sala e não voltava. E eu ia procurar o assistente dele e ele tinha ido embora. E isso aconteceu várias vezes. Depois de um tempo, fiquei incomodado porque no início achava que era normal, não sabia de nada. Conversei com um amigo e disse que não estava me sentindo bem e toda vez era umas perguntas estranhas. Perguntava várias vezes a mesma pergunta para me deixar nervoso. Aquilo foi me deprimindo cada vez mais porque, por

eu ser muito tímido, eu não sou de gritar, não gosto de discutir, prefiro abandonar e procurar outra coisa... desistir.

Além das denúncias sobre os médicos que prestam assistência durante o processo transexualizador de dois anos, há denúncias sobre a longa fila e as cirurgias que são realizadas no Centro de Referência H. As denúncias são de negligências até experimentos durante as cirurgias com transexuais sem aprovação ou consentimento dos homens transexuais. Esses relatos revelam o quanto pessoas transexuais sofrem com o descaso dentro do SUS.

Só que o H. já tem uma fama de usar pessoas pra estudos, inclusive, nas cirurgias. Mas não é um estudo muito bom não, é tudo bem pesado. [...] E tem um outro cara que esse não é meu amigo, mas ele é do movimento que, segundo ele, isso já não sei se é verdade, só ele mesmo poderia dizer, mas ele falava isso para todo mundo. Isso é uma história bem complicada por isso que eu não duvido muito porque eu tenho um parente que já que... [pausa] não são transexuais, são cisgêneros, mas que fizeram acompanhamento no H. também e quase morreram lá dentro. Mas ele... [pausa] diz ELE que ele também conseguiu fazer a cirurgia depois de muitos anos e já estava entrando com processo já. Quando ele fez a cirurgia, segundo ele, além de ter passado por muitos constrangimentos, porque os estagiários... os residentes ficam em volta... A questão não era nem essa, era que eles não respeitavam ele como um homem transexual, mas sim como um estudo totalmente errado, porque eles vão sair dali reproduzindo aquilo, passando aquilo adiante e o médico, o urologista não dá informações do jeito que tem que dá, ele trata como se fosse... [pausa] Depois a gente descobriu que ele... estava pegando transexuais que tivessem mamas gigantescas porque ele estava tratando como uma mulher... Como é mesmo? Não sei o termo para mama gigante, e era também uma forma de eliminar da fila, porque estávamos pressionando. E pros estagiários, residentes, ele falava isso... Que era uma cirurgia de retirada ou redução pra eles verem, era uma coisa, sabe? Suja. Tava fazendo tudo errado e passando informação errada. E esse cara que fez cirurgia com ele, diz ele, que a anestesia não pegou, que ele gritou durante toda a cirurgia até terminar. Inclusive, deu até probleminha lá. Hoje em dia, ele é um cara super perturbado da cabeça.

Denúncias como essa são extremamente preocupantes. Experiências realizadas em humanos sem autorização do paciente e de um Comitê de Ética é uma grave violação dos direitos humanos. Os direitos humanos são os direitos que todos as pessoas possuem, dependendo de etnia, gênero, orientação sexual, nacionalidade, entre outros. Segundo o site Nações Unidas no Brasil: "Os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre muitos outros. Todos merecem estes direitos, sem

discriminação." Esses direitos impedem que situações como as descrições citadas acima, de experimentações e extrema violência, aconteçam com seres humanos.

Esse trecho da entrevista diz muito sobre como os médicos e cirurgiões veem as pessoas transexuais: como objetos de estudos e não como um ser humano. Passar essa visão para os médicos em formações torna ainda mais preocupante. Absurdos como esses não devem ser tolerados, sobretudo dentro do SUS. Vivências como essas, dentro do SUS, resultam em problemas psicológicos graves nos pacientes, como por exemplo do entrevistado J., pensamentos suicidas. Acontecimentos que prejudicam saúde dos pacientes que vão buscar ajuda no SUS torna o caso ainda mais incoerente, ao invés de fornecer uma melhoria na condições de vida das pessoas transexuais, elas saem ainda mais traumatizadas e com mais problemas de saúde.

Logo, homens transexuais buscam meios alternativos para não enfrentar episódios de constringimento e discriminação nas cirurgias, levando até a mutilação de órgãos, prejudicando ainda mais sua saúde. Muitos homens transexuais não buscam o SUS para assistência médica quando necessitam, evitando utilizar ao máximo. No entanto, homens transexuais precisam ir periodicamente à ginecologistas e endocrinologistas devido ao uso de hormônios. O uso de hormônios sem acompanhamento médico pode levar complicações graves a saúde de homens trans, como câncer de ovário e fígado. As consequências de uma trauma causado pela negligência no SUS causam muitos transtornos para homens transexuais.

Quando o homem transexual consegue permanecer nos atendimentos com a equipe multidisciplinar e, finalmente, obter o laudo médico para realização da cirurgia, a espera não acaba, segundo J., é apenas o começo. A fila de espera para realizar a cirurgia no Centro de Referência H. é de 10 a 14 anos. Depois de dois longos anos passando por todas as experiências descritas anteriormente, os homens transexuais tem uma década de espera para conseguir entrar na cirurgia. A informação de que a fila demora tanto não é dada aos pacientes quando eles entram no processo transexualizador pelo SUS, eles só ficaram sabendo entrando em contato com pessoas que estavam anos na fila.

Enquanto a situação no Centro de Referência não muda, os homens transexuais buscaram ajudar em outras instituições. O Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia recebe esses pacientes fornecendo toda a estrutura necessária com a equipe multidisciplinar, apenas não realiza as cirurgias. De acordo com J., o atendimento no IEDE é excelente:

Elas até perguntaram assim: "vocês acham legal a gente fazer uma reunião a cada três meses pra vocês falarem, é... o que vocês acham que deveria ter aqui, o que vocês precisam?" E isso tem até hoje, desde que entrei lá. Temos um grupo com o contato delas, a gente conversa. Posso estar com mil problemas e posso entrar em contato com a psicóloga e ela me responde na hora. A assistente social... Nossa, ela é MUITO BOA. Ela ajuda com tudo. Se alguém te tratar com... [pausa]. Se você descer lá na recepção e a recepcionista não te tratar com o nome social, se você subir e falar com a assistente social, ela vai até lá e ela conversa com a menina "Não pode, está escrito aqui. Não quero ver esse nome aqui". Tanto que tem uma recepcionista maravilhosa, ela conversa com a gente já, ela "tá" lá desde que a gente entrou. Então, o atendimento lá é muito bom, cresceu muito. [...] E... [pausa] e nunca nenhuma delas trataram a gente como se fôssemos doidos ou tivéssemos alguma doença. A própria psicóloga fala "A gente tem que agir conforme a Portaria, mas a gente tem consciência de que vocês não são doentes, por isso que a gente faz a reunião com vocês porque queremos saber de tudo." [...] O IEDE não tenho o que reclamar, a não ser a questão que lá não tem cirurgia. Mas elas estão querendo, de toda forma, colocar a cirurgia lá. Já botou o diretor pra conversar com a gente, ele explicou o porque eles não estavam conseguindo se credenciar pra ser também o centro de referência do processo transexualizador e ter o acesso as coisas que Ministério da Saúde oferece, né...

Segundo os entrevistados, as experiências vivenciadas no IEDE são completamente diferentes com o Centro de Referência H., o que torna os relatos tão diferentes se ambas são do Ministério da Saúde? O hospital H deveria estar preparado para receber pessoas transexuais, tratando-se de um centro de referência. O IEDE faz reuniões para ouvir as demandas dos homens trans e, dessa forma, adequa sua estruturas às necessidades afirmadas nas pautas das reuniões. Essa forma de ouvir o que os homens trans tem pra falar ajuda na melhoria de suas experiências dentro do Instituto. É preciso dar atenção máxima ao que essas pessoas precisam, pois são elas que sofrem cotidianamente com as consequências de uma má organização dentro dos hospitais. Só eles podem dizer como querem ser tratados e como isso pode melhorar o SUS.

## 4 CONCLUSÃO

É explícito o descaso do SUS com os homens transexuais. Esses relatos e denúncias feitas durante as entrevistas são extremamente importantes na compreensão das situações que essas pessoas vivem quando vão procurar assistência médica em sistema público no Brasil, desde busca por exames de rotina às cirurgias do processo transexualizador, que é um direito das pessoas transexuais. Muitos desses casos de negligências são resultados da falta de preparo de todo o Sistema Único de Saúde que ainda não é capacitado para receber pessoas transexuais, que resultam num ambiente e profissionais nocivo a esses pacientes.

O SUS deve preparar o ambiente e os funcionários para receber essas pessoas que se encontram em condições vulneráveis para não piorar o estado que se encontram, dando toda assistência médica necessária sem negligência, descaso, constrangimento e preconceitos, para que essas pessoas não tenham medo de buscar tratamento. Principalmente, dando assistência psicológicas para os transexuais que se encontram desamparados e suscetível a violências. É necessário melhorar o acesso as cirurgias de redesignação e nas técnicas realizadas nas cirurgias para que seja possível a diminuição das filas de anos de espera.

Mesmo com o número baixo de entrevistados é possível fazer uma análise sobre o tema. Os relatos dos entrevistados são extremamente importante e contêm experiências claras de violência e preconceito tornando possível reflexão acerca do que os homens trans sofrem no SUS. Ainda que seja apenas dois homens entre inúmeros homens trans no Brasil, é possível enxergar através dessas duas histórias o que é o SUS para homens trans.

É extremamente necessário que tenha mais estudos sobre as vivências dos homens transexuais no país, já que há enorme escassez de materiais que possibilitem uma pesquisa mais aprofundada. Inclusive, dados sobre os homens trans: violência, números de cirurgias, denúncias.

Portanto, é fundamental que a Política Nacional Integral de Saúde seja aplicada totalmente no SUS, pois, como observamos, essas políticas não são realizadas na prática. Essas mudanças são necessárias para que o SUS, futuramente, se torne equânime, integral e universal, principalmente

para homens e mulheres transexuais tenham a oportunidade de utilizar o Sistema Único de Saúde sem medo de sofrer qualquer dano a sua vida.

## **5 ANEXO 1: ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA.**

#### **Parte I**

Identificação do participante \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Cor: \_\_\_\_\_

#### **Parte II**

1. Você utiliza ou já utilizou as unidades do Sistema Único de Saúde para assistência médica?
2. Como é sua experiência quando precisa utilizar unidades do SUS?
3. Já presenciou algum preconceito/discriminação/desrespeito em algum atendimento médico? Ocorreu no SUS?
4. Você considera que os funcionários do SUS possuem preparo para atender transexuais? De que forma você consegue perceber isso?
5. Você já deixou de procurar tratamento médico por medo de preconceito?
6. Como você acha que sua experiência no atendimento médico poderia ser melhor?
7. Em sua opinião, quais são as principais demandas dos homens transexuais na saúde pública?

8. Sobre o universo do homem trans, o que é para você a luta por direito?
9. Quanto o respeito ao nome social é importante para você? Como esse processo de denominação é importante para as pessoas trans?
10. Quem você considera mais invisibilizado, a mulher trans ou o homem trans? Por que há essa diferença de tratamento, em sua opinião?
11. Dentro do movimento LGBT, você acha que existe um descaso do movimento com os homens trans? De que forma o movimento LGBT poderia ajudar os homens trans nas suas reivindicações, principalmente, na saúde?

## **6 ANEXO 2: ENTREVISTAS**

### **ENTREVISTADO J.:**

J.: Ah, é uma experiência nada boa, muita burocracia, até ora atendimento simples para qualquer pessoa poderia ter acesso tem sempre uma burocracia. No meu caso, como eu consegui a retificação dos meus documentos, ainda consigo ter um acesso menos pior mas ainda sim quando chega no atendimento sempre tem um problema. Eu tenho muitos casos de atendimentos que foram negados, inclusive em Caxias, é o que mais acontece no Pam. Não sei se vocês conhecem o Pam de Caxias, que ele é um lugar enorme, tem todos tipos de médicos. É aquela coisa, fica cheio, muita gente pra marcar. Inclusive na época eu precisava de um encaminhamento pra começar o processo transexualizador, o acompanhamento aqui no Rio, porque em Caxias não tem, apesar de lá a gente estar tentando buscar isso, porque no Rio até então só tinha um centro de referência de atendimento à pessoas trans que era no UP, no hospital aniversário Pedro Ernesto. Então eu tinha que ir pra lá, pra ir pra lá você tinha que pegar encaminhamento e na época, isso já há uns 4 anos atrás, quando eu fui pegar o encaminhamento o médico não só me negou, eu esperei meses pra ser atendido, ele não só me negou o encaminhamento como fez um escândalo e praticamente me expulsou na sala dele. Eu era muito tímido, eu sou muito tímido, mas na época eu era mais ainda e eu não sabia de todos os meus direitos. Só o que eu pensei na hora foi de procurar assistente social, procurei assistência social e pra minha sorte a assistente social era uma pessoa muito acolhedora, como

humana, nem tanto como assistente porque ela nem sabia também de nada, mas ela falou "calma aí que vou ligar para uma amiga minha, ela é assistente social também que é de lá e vou procurar dela". Ela até discutiu com o médico, ela foi até lá e disse que ele não poderia negar, ele tinha que botar a assinatura e ele tava agindo de uma forma como se eu tivesse pedindo uma coisa errada. Ele falou que não iria colocar a assinatura dele nisso. Eles usam muito essa palavra: nisso. Eles não querem falar o que é. Ele está lá até hoje. Eu cheguei a mandar uma reclamação para secretária de saúde de Caxias, a subsecretária me chamou para uma conversa, ela chorou com a minha história, falou que ia fazer um monte de coisa, bom, ela não fez muita coisa. Acho que até demitiram ela porque também trocou pessoal. Mas ela chegou a me dar encaminhamento pra fazer meus exames em um outro lugar e nesse outro lugar o atendimento foi ótimo também no SUS mas tinha o " nomezinho" da subsecretaria. Então cheguei lá e estavam me tratando muito bem. No Pam eu voltei lá no novamente com um amigo meu depois de algum tempo, já há uns 2 anos, porque ele também queria começar, era de Caxias e não podia ir de Caxias pro Rio sem encaminhamento. Chegamos lá, outra médica. Já começou o problema na recepção. Na recepção eles não sabem tratar uma pessoa transexual. Eles ficam conversando, você chega pra falar com a pessoa, eles ficaram horas batendo papo de costa pra você sem te dar atenção. Já começou aí, só que aí eu já tinha noção dos direitos. Eu fui com esse meu amigo porque ele estava iniciando a transição. Eu expliquei pra recepcionista colocar o nome social e ela não se importou, disse que não tinha como e eu expliquei novamente, mas enfim... Falei pra ela so avisar a médica e ela foi e não anotou o nome social. Eu peguei o papelzinho, Se eu não me engano eu que coloquei o nome. E ela levou pra médica e depois que eu cheguei na médica, a médica ficou indecisa em qual nome chamar. Era uma endócrina essa. E ele pediu pra que eu entrasse na sala com ele. Ele me pediu. E aí ela chamou pelo nome feminino e aí quando ele entrou, eu entrei com ele e falei "não, fica tranquilo, deixa, eu tô com você, não tem problema as pessoas ficarem te olhando. A gente tá junto". É aí a gente entrou e ela disse que não estava entendendo porque tinha dois nomes e a gente explicou. É aí a resposta foi a mesma, foi muito engraçado porque já tinha se passado um bom tempo e aí repetiu a história que aconteceu comigo. Ela ficou muito nervosa, ela não gostou que eu fiquei na sala com ele. Ela perguntou por

que eu estava junto, sendo que eu estava com uma pasta cheia de documento pra mostrar pra ela caso ela quisesse. Eu expliquei pra ela que era muito simples. Eu falei "olha você não é obrigada a atender ele, tudo bem, se você não atende o caso de pessoas transexuais. Você é uma endócrina, você não pode passar um hormônio? Só o que você tem a fazer é encaminhar para um lugar que faça o acompanhamento. Simples assim. Bota um encaminhamento aí, ele vai fazer o tratamento dele e acabou. Você não precisa fazer mais nada." E ela disse que não, ligou pra alguém, arrumou confusão, disse que não podia fazer nada, que não ia botar a assinatura dela e que ele ia ter que voltar outro dia. E ficou super nervosa comigo, ela não gostou da minha presença lá. Ele viu isso, inclusive até hoje ele não conseguiu encaminhamento desde esse dia aqui pro Rio. Só que ele conseguiu emprego e começou a pagar endócrino particular onde ele está fazendo e ele entrou com um processo agora contra essa médica e ele me procurou recentemente para ser testemunha. E o advogado está entrando com um processo contra essa endócrina. Isso m Caxias foi só o início. Eles fazem você esperar meses para chegar La e te tratar dessa forma. Depois desse dia inclusive que a endócrina expulsou a gente da sala, eu fui novamente procurar a assistente social que trabalhava lá na época e ela não estava, mas tinha uma outra. Expliquei tudo pra ela, ela tava pegando a bolsa pra ir embora. Aí ela ficou meio assim... Perguntei se podia conversar com ela, expliquei tudo que aconteceu, ela ficou com uma cara assim meio sem graça. Aí ela disse "ah, eu fui numa reunião semana passada onde eles falaram de pessoas trans só que eu que não passei as informações ainda adiante" ai eu falei "ta e quando você vai passar? porque, assim, o atendimento aqui está péssimo". Aí eu falei pra ela que já tinha passado pela subsecretaria, ai ela ficou super assim "Ah eu também conheço a subsecretaria" ai eu falei "não, não se trata de conhecer, trata sobre o que eu falei com ela. ela até se disponibilizou ajudar, queria ate marcar que eu desse uma palestra com os funcionários, com os médicos talvez, disse que ia fazer mas não fez. é mentira, voltei la outras vezes pra ver se mudava algo, mas não mudou e la tem todos os médicos que a gente precisa. Então, eu não consigo fazer um atendimento simples como esse, quanto mais um outro atendimento. Teve uma gastro que eu voltei pra fazer um exame porque estava me hormonizando pelo iede (instituto estadual de diabetes e endocrinologia) que é do SUS também,

e... inclusive la o atendimento é maravilhoso. Ai fui na gastro porque era perto da minha casa, morava em Caxias na época e eu precisava saber como tava meu fígado porque o hormônio ataca o fígado e eu tenho medo porque posso ter câncer também. E ela disse que não podia me passar nenhum exame porque isso ia comprometer ela e ela virou p mim e disse, olha que minha mãe estava do lado, sempre levo alguém comigo pra dizer que não estou mentindo, e ela me disse que.. só poderia passar o exame se eu tivesse me sentindo muito mal. ai eu falei "então vocês não previnem? Não tenho direito? Só porque é publico? Eu tenho que pagar então pra fazer?" Foi esse exame que a subsecretaria me passou foi em outro posto, cheguei lá e fui muito bem atendido. e... a médica estava super interessada em saber... ela achou que eu fosse intersex e ela tava super empolgada querendo fazer perguntas. ela botou meu nome social, tudo e... mas o Pam é muito bizarro porque é um lugar muito grande, imenso, é do SUS. E vejo isso em todos os lugares, sou do IBRAT, instituto de transmasculinidade, e fico responsável por essa área de Caxias, porque morava lá então eu tenho isso de ver as coisas e claro, faço acompanhamentos aqui. mas é só acompanhamento por conta da portaria, outros tipos de atendimentos é muito difícil. e olhe lá, ate os da portaria é muito difícil, quase ninguém consegue. pode ser mulher trans, homem trans, travesti que não consegue. e deveria conseguir, sempre tem uma barreira, alguém que não quer te atender, alguém que não quer aceitar o nome, alguém que não quer entender ou não busca informação porque uma coisa é uma pessoa não... é uma pessoa dizer "olha eu não sei lidar, nunca atendi uma pessoa trans, mas espera que vou perguntar pra alguém" não acontece isso. só aconteceu uma vez com a assistente social que conseguiu encaminhamento com a assinatura dela que nem podia ela só assinou porque o medico se negou assinar mesmo. Então, essa é a realidade que passei, minha vivencia.

Jonathan: Terceira pergunta. Já presenciou algum preconceito/discriminação/desrespeito em algum atendimento médico? Ocorreu no SUS? Acho que essa sua fala já diz tudo. Mas vou só pra reafirmar só pra ficar bem gravado, tem outro episodio bem pontual no SUS?

J.: Ah, tem com o nome social. Ah não posso esquecer isso. Tem de repente vocês conhecem ele, dizem que é um grande professor... Esqueci o nome dele agora... Ele é um... Ele tá aposentado, da

aula na U., ele atendia no H. e é psiquiatra. O sobrenome dele é C., ele é conhecido como Prof. C. É, enfim, esse professor é um cara de sei lá quantos mil anos e ele tava atendendo na época no único centro de referencia era o H. que é uma MENTIRA o que as eles fazem com as pessoas trans. É uma mentira. Acontece que o H., como falei tem sido uma portaria, se você quer atender as pessoas transexuais e quer entrar na portaria você tem que fazer tudo que esta na portaria, ou quase tudo, mas você tem que prestar contas. Então na portaria você tem que ter acompanhamento com uma equipe multidisciplinar, é um endócrino, assistente social, psiquiatra, psicóloga, de repente uma clínica mas os principais são esses 4, eles trabalham juntos. Tudo que você faz, um passa pro outro. Pra no final você pegar um laudo com assinatura de todo mundo. No H., na época como falei, quando cheguei lá, cheguei cheio de esperanças porque finalmente consegui o encaminhamento. Pra entrar lá, só de inicio eles dizem que tem uma fila, uma fila que não existe. Cheguei lá com meu encaminhamento, consegui me cadastrar e esperei a tal data e fui ser atendido por esse tal psiquiatra, ai falaram "não, primeiro a consulta é com Dr. C., e depois de tanto tempo você tem que passar na urologia que o urologista que é o cirurgião que faz a cirurgia dos homens trans e das mulheres trans e travestis, e ele também é endócrino. Olha que estranho, ele é tudo. e a receita só pode vir através dele. Tipo, pra conseguir o hormônio. E eu fiquei "gente, quando que vai abrir a vaga?" Aí falaram: "ah mas ta fechado a vaga" Aí fiquei esperando, coloquei meu nome la mas fiquei no psiquiatra. E esse psiquiatra, você pode perguntar pra qualquer pessoa trans, todos vão te dizer a mesma coisa, os que passaram por ele, e a maioria passa por ele. Eu entrei la com uma fobia social, antigamente, e to tratando agora mas eu sai de la com vontade de me matar, e não foi apenas na primeira consulta, foi durante as consultas, eu fiquei la por um ano ate que não aguentei mais, eu desisti nem peguei o laudo porque o laudo é só com dois anos. ele faz muitas brincadeiras psicológicas mesmo, ele... ele... apesar de ter que fazer o trabalho dele, eles tratam a transexualidade como doença mas uma pessoa sã que não é bem isso, mesmo que tenha que fazer o trabalho dele. A questão é que eu falo isso porque depois que entrei no IEDE, ela (psiquiatra do iede) nunca, nunca, me fez nenhuma pergunta sequer das perguntas que ele me fez. Quando entrei

lá a primeira coisa que ele me perguntou foi se eu tenha certeza que era um homem transexual...

ok, eu disse que sim

Jonathan: esse IEDE fica onde?

J.: fica no centro do rio, é do SUS. Esse dr. C. começou fazer pergunta do tipo se a blusa que eu tava usando era de que setor de loja, masculina ou feminina, ai eu estranhei porque achei que fosse ser acolhido. Ai ele perguntou porque eu estava lá, ai eu falei "to aqui porque tenho que seguir a portaria, sou um homem transexual, não sou doente e eu preciso de um laudo pra cirurgia. " Fui bem direito, porque sou bem sincero e não ia me fingir de boneco pra ele fazer o que quer. Só que o H. já tem uma fama de usar pessoas pra estudos, inclusive, nas cirurgias. Mas não é um estudo muito bom não, é tudo bem pesado. E tipo assim, nessas perguntas ele começou a perguntar se eu usava cueca ou calcinha, começou perguntar, na época estava namorando outra pessoa, ele começou perguntar se namorava homem ou mulher, ok, respondi que tava namorando uma menina e depois e começou se eu trabalhava e na época eu trabalhava com minha mãe, minha mãe tinha uma confecção e ela me obrigava desde os 12 anos, não gostava de costurar mas aprendi a costurar, e depois minha mãe ficou meio mal e eu acabei pegando o gosto porque cuidei de tudo ate minha mãe se recuperar. Querendo ou não eu tenho experiência em alguma coisa também, mas trabalhei em vários lugares também de bico. Enfim, contei pra ele que trabalhava nisso, e ele virou e disse que isso não é trabalho de homem e como ia sustentar minha namorada. Ai foi o único dia que tive coragem de responder: "Ue, ela vai trabalhar e se sustentar,simples assim". Ai eu falei não tem isso, não tenho que sustentar, temos que dividir as coisas. Ai ele fazia umas caras assim e fazia anotações... E ele era muito doido, porque ele tava assim conversando comigo aí do nada levantava e ia numa sala e não voltada. E eu ia procurar o assistente dele, e ele tinha ido embora. E isso aconteceu varias vezes. Depois de um tempo fiquei incomodado porque no início achava que era normal não sabia de nada. Conversei com um amigo e disse que não estava me sentindo bem e toda vez era umas perguntas estranhas. e pergunta varias vezes a mesma pergunta para me deixar nervoso. E aquilo foi me deprimindo cada vez mais porque, por eu ser muito tímido, eu não sou de gritar não gosto de discutir, prefiro abandonar e procurar outra coisa... Desistir. Falei pro meu

amigo "poxa deve ter outro lugar que a gente possa ir" aí a gente descobriu o IEDE, mas o IEDE não estava cadastrado ainda pra atendimento p pessoas trans, mas eles estavam recebendo algumas pessoas trans. e tinha mulheres trans e travesti homens trans só entrou eu e meu amigo, fomos os primeiros. a gente foi ate lá e conversamos com a assistente social de lá e ela marcou, fomos pra triagem e conseguimos a vaga. Bom, aí conseguimos entrar no IEDE, e depois nós fomos entendendo o que era uma equipe multidisciplinar. Então, mas ainda no H., a gente ainda "tava" conversando com as outras pessoas que faziam atendimento lá trocando informações, aí uma colega minha falou "Olha, quando venho fazer atendimento com ele, eu tenho que chegar aqui, botar sutiã, botar um monte de coisa porque eu quero pegar o laudo. Aí eu falei "Como assim?". Ai ela respondeu "Por que quando eu entro na sala ele..." [pausa] Ela não usava sutiã, muitas das travestis não usam sutiã. É muito comum, ainda mais se elas estiverem em formação, assim, se ela não botou silicone nem nada , geralmente elas não usam. Isso é uma coisa que... [pausa] É delas, é uma forma de empoderamento do corpo, tem muito isso. É... tem uma amiga que ela é maravilhosa, tem pouco peito e ela não usa sutiã, ela não liga. Porque a gente não tem muito essas questões entre a gente, estamos aqui pra desconstruir as coisas, não pra montar nessa sociedade normativa. [Pausa] E... ele simplesmente viu que ela estava sem sutiã numas das vezes que ela foi, e falou que mulher que é mulher deveria usar sutiã. [Silêncio]. E ela não se oprimiu com isso, mas ela falou que meio que teve que se montar, né... pra poder conseguir convencer ele que ela era uma mulher que ele queria que ela fosse para poder conseguir o laudo. Ela foi até o final, não sei como ela conseguiu, mas ela "tá" aí. Isso aconteceu com várias pessoas, têm muito relatos e também ter saído da sala, não tenho voltado mais. Ele me iludiu uma vez, eu estava prestes a cirurgia, minha mãe ia pegar um empréstimo, "tava" negociando empréstimo e eu tava precisando desse laudo para poder eu fazer a cirurgia então cheguei lá... [pausa] antes de eu sair de lá, eu cheguei até o [silêncio]Michel C., lembrei o nome dele. Ele falou para mim... [pausa] aí eu expliquei tudo direitinho. Quero fazer a cirurgia, minha mãe vai pegar o empréstimo, quero saber se eu tenho que realmente esperar os dois anos ou se o senhor pode me liberar para a cirurgia... Como é que é? Aí ele falou "Não, você pode fazer a cirurgia, só não pode fazer no SUS, porque você ainda não tem os dois anos de

acompanhamento." Aí eu perguntei "mas no particular eu posso?" Ai ele disse "pagando você pode". Perguntei "você pode me da declaração, não precisa nem ser o laudo só preciso de uma declaração pra poder fazer a cirurgia?" Ai ele disse que sim, eu fiquei todo feliz. Conversei com o médico, marquei com o cirurgião. Aí quando eu voltei no...no... [hesitação] na consulta com ele, ele falou que ia fazer a documentação e ele simplesmente pediu pro cara fazer um papel que... [pausa] [risada] gente... eu acho que tenho esse papel guardado. Esse papel tava meu nome de registro... o tempo todo falando do nome de registro, nenhum momento o nome social. Aí falava que declarava que eu podia fazer a cirurgia a partir do ano tal... tipo assim [silêncio] Ele botou uma data, nem botou a partir de dois anos, botou uma data. Falei pra ele que precisava pra agosto de... [pausa] Nem lembro o ano que estava lá... acho que 2015. Ele botou a declaração, botou que eu podia fazer a partir de agosto de 2016. Ai eu falei assim "O cirurgião não vai aceitar isso porque é obvio que esta dizendo que só posso fazer ano que vem, não faz sentido" Ai ele falou "Não, ele vai aceitar sim" Me fazendo de idiota, sabe? Brincando... Aí eu falei "Não, ele não vai aceitar" E... e... resumindo, eu era um babaca e sendo manipulado com ele, acabei tentando levar pro cirurgião, expliquei o que aconteceu. O cirurgião era muito tranquilo, o mesmo que fez minha cirurgia agora.

Jonathan: Qual cirurgia?

E2: A mastectomia, em Brasília, no particular com ajuda de muitas pessoas. [pausa] porque, novamente, o único lugar que ainda, infelizmente, que está para o ministério da saúde declarando que faz as cirurgias e acompanhamento ainda ta lá como o H., mas o H. não tem psicólogo, não te endócrino. Eu nunca consegui pegar uma receita sequer. [pausa] O H. não tem... [pausa] A assistente social de lá é um problema, ela é muito legal, mas ela não ta muito preocupada na verdade em da assistência pro paciente, mas sim pro hospital. Um grande problema. Aí acontecendo as coisas e a gente vai descobrindo as pessoas que estavam passando por aquilo, e a gente descobriu que tinha gente que estava há 10 anos na fila da cirurgia, que tinha conseguido se inscrever pra fila, eu nem tinha conseguido me inscrever porque eu estava lá achando que já estava na fila mas depois eles falaram que não. Só depois de dois anos, depois que pegar o laudo, teria que ir para outro hospital e tentar entrar na fila, e já tinha gente há 10, 14 anos... antes de eu entrar. E... Nem pra me

dar uma receita, nem pra me passar hormônio nem consegui. Uma coisa simples. E... então, a gente acabou juntando muitas pessoas e começamos a fazer reuniões com a assistente social de lá pra dizer o que estava acontecendo. Ela estava morrendo de medo, chamaram até polícia quando a gente foi lá. E a gente só foi para uma reunião com pouca gente. Umas 15 pessoas, por aí. Pessoas que eram do movimento, ativistas, pessoas que faziam acompanhamento lá, pessoas que não conseguiram fazer a cirurgia, estavam esperando... Porque eles tem uma mania [pausa]. Eu tenho amigos que tavam na fila... eles tem mania de ligar pra pessoa, falar que eles tem que lá fazer o exame pra cirurgia, né... O... O... Como é o nome? Risco cirúrgico, tudo mais. Eles ligam e falam "Não, vem aqui, você vai fazer o exame porque sua cirurgia já está próxima. Aí vários amigos meus iam, faziam os exames e eles falavam " a gente vai te ligar" ai esperava em casa. E não ligavam. Pra mesma pessoa já fizeram umas 5 vezes falando em fazer o exame. Eu tive um amigo que desistiu , pegou todo dinheiro que tinha guardado, pegou mais empréstimo e foi fazer no particular também. Ele não aguentou, ele já estava há anos esperando. E teve um que só conseguiu... [pausa] um que estava no meio do grupo, porque a gente já tinha ido nas reuniões umas 5 vezes e a assistente social sempre fingindo que estava do nosso lado, sei lá o que... defendendo a gente, falava mal do H., mas era tudo enrolação, ela estava ganhando um tempo. Depois a gente descobriu porque na verdade era outra historia dela. Aí esse meu amigo tinha um contato com um repórter, ai ele chamou esse jornalista e ele fez uma matéria dele. Saiu no jornal. Ai o H. ligou no próximo dia e mandou ele fazer a cirurgia. [silêncio]. E ele fez. E tem um outro cara que esse não é meu amigo, mas ele é do movimento que, segundo ele, isso já não sei se é verdade, só ele mesmo poderia dizer mas ele falava isso para todo mundo. Isso é uma é uma história bem complicada por isso que eu não duvido muito porque eu tenho um parente que já que [pausa] não são transexuais, são cisgêneros, mas que fizeram acompanhamento no H. também e quase morreram lá dentro. Mas ele... diz ELE que ele também conseguiu fazer a cirurgia depois de muitos anos e já estava entrando com processo já. Quando ele fez a cirurgia, segundo ele, além de ter passado por muitos constrangimentos, porque os estagiários... os residentes ficam em volt... [ pausa] a questão não era nem essa, era que eles não respeitavam ele como um homem transexual, mas sim como um estudo

totalmente errado. Porque eles vão sair dali reproduzindo aquilo, passando aquilo adiante e o médico, o urologista não dá informações do jeito que tem que dar, ele trata como se fosse... [pausa] Depois a gente descobriu que ele... E... Estava pegando transexuais que tivessem mamas gigantescas porque ele estava tratando como uma mulher... Como é mesmo? Não sei o termo para mama gigante, e era também uma forma de eliminar da fila, porque estávamos pressionando. E pros estagiários, residentes, ele falava isso... Que era uma cirurgia de retirada ou redução pra eles verem, era uma coisa, sabe? Suja. Tava fazendo tudo errado e passando informação errada. E esse cara que fez cirurgia com ele, diz ele, que a anestesia não pegou, que ele gritou durante toda a cirurgia até terminar. Inclusive, deu até probleminha lá. Hoje em dia ele é um cara super perturbado da cabeça, nem sei... Ele já passou por muita coisa. Porém é muito comum isso no H.. Acontecem muito. Eles não tem ninguém orientando, eles não leem direito, não prestam atenção. O Problema maior do H. é a falta de comunicação, isso falamos muito lá. Se você for no urologista, ele não sabe o que faz, empurra pro psiquiatra, psiquiatra empurra pra assistente social e ela empurra pra não sei quem. A gente tentava cirurgia com o diretor e ninguém conseguia. A assistente social falava que ele tava sempre viajando, sei lá onde... Sei lá onde. Nunca conseguimos reunião com ele, de forma civilizada, momento nenhuma a gente fez bagunça, baderna, a gente só estava procurando nossos direitos. Queríamos uma explicação, né... A gente nunca conseguiu isso. Desistimos até porque o IEDE começou a "pegar" a gente. E o IEDE quase que dá ruim, porque eles não estavam tendo estruturas porque eles não são um centro de referência e eles queriam se cadastrar e essa equipe multidisciplinar procurou eu e meu amigo que entramos juntos pra gente falar um pouco sobre transexualidade, porque elas estavam interessadas realmente em lidar com as pessoas trans, ajudar o acompanhamento. Elas até perguntaram assim "vocês acham legal a gente fazer uma reunião a cada três meses pra vocês falarem é... o que vocês acham que deveria ter aqui, o que vocês precisam...?" E isso tema até hoje, desde que entrei lá. Temos um grupo com o contato delas, a gente conversa. Posso estar com mil problemas e posso entrar em contato com a psicóloga e ela me responde na hora. A assistente social... Nossa, ela é MUITO BOA. Ela ajuda com tudo. Se alguém te tratar com... [pausa]. Se você descer lá na recepção e a recepcionista não te tratar com

o nome social, se você subir e falar com a assistente social ela vai até lá e ela conversa com a menina "não pode, está escrito aqui. não quero ver esse nome aqui" Tanto que tem uma recepcionista maravilhosa, ela conversa com a gente já, ela tá lá desde que a gente entrou. [Pausa] Então, o atendimento lá é muito bom, cresceu muito. Cresceu tanto pra elas que foram chamadas pra reportagem, entrevista. E a endócrino que era de lá agora está atendendo no particular. E a psiquiatra... [risada] Demorei muito pra ir na psiquiatra de lá, porque eu estava traumatizado com o C. Quando entrei lá, elas falaram "você precisa ir ao psiquiatra" e eu ficava enrolando, enrolando... Fiquei uns 6 meses só tendo o atendimento com a psicóloga, assistente, endócrina e não fui na psiquiatra. Ela passava e ficava olhando pra mim. Até que um dia eu marquei porque pensei "senão eu não vou conseguir pegar o laudo". Ai eu fui, eu entrei e a psiquiatra só perguntou se eu tinha ansiedade, se eu achava que tinha alguma coisa... é... [pausa] emocional. Ela nunca perguntou nada sobre nome social... Nada, nada, nada, nada. Nem sobre transexualidade ela perguntava. Nada. Só perguntava sobre como eu estava me sentindo. E eu até disse pra ela que já tomava remédio pra ansiedade e que depois passei tomar remédio mais forte, e ela me orientou que eu parasse de tomar e tentasse, ela sabia que era difícil, mas pra eu tentar fazer, tentasse fazer algum esporte porque o remédio iria me fazer muito mal. E realmente faz mal, quando o efeito dele passa então, é pior. E... [pausa] e nunca nenhuma delas tratou a gente como se fossemos doidos ou tivéssemos alguma doença. A própria psicóloga fala "a gente tem que agir conforme a portaria mas a gente tem consciência de que vocês não são doentes, por isso que a gente faz a reunião com vocês porque queremos saber de tudo." Inclusive, a questão do ginecologista, homens trans NÃO VÃO ao ginecologista, principalmente pelo SUS. Ninguém vai. Aí lá no IEDE, conversamos sobre isso, mas eu também nunca fui na ginecologista de lá, meus amigos foram e... Depois da reunião que a gente fez com a própria ginecologista, ela explicou... tipo, não vocês podem ir, podem ficar tranquilos. É... Eu sei que lá fica só mulheres, mas vocês ficam lá no cantinho, esperam o sinal. Se vocês acharem que estão passando por algum constrangimento né... [pausa]. Dois dos meus amigos foram e continuam indo, falam que é tranquilo. Há uma diferença muito grande entre os dois... O IEDE não tenho o que reclamar, a não ser a questão que lá não tem cirurgia. Mas elas estão

querendo, de toda forma, colocar a cirurgia lá. Já botou o diretor pra conversar com a gente, ele explicou o porquê eles não estavam conseguindo se credenciar pra ser também o centro de referencia do processo transexualizador e ter o acesso as coisas que Ministério da Saúde oferece, né... Porque como eu falei pro H., eles foram até lá e a assistente social estava muito nervosa, com medo da gente entrar na reunião nesse dia. Acho que até por isso que chamaram a polícia. Porque a gente estava querendo contar para o ministério da saúde. A gente mandou um email pro Ministério da Saúde denunciando. A gente fez um movimento muito grande. A gente não queria que fechasse, a gente queria que cumprisse com as ordens. Tipo, a gente teve acesso ao quanto eles recebiam por cada coisa dos atendimentos. E se na portaria está dizendo que tem todo aquele acompanhamento e o ministério manda as coisas para todos aqueles acompanhamentos, aqueles médicos, aqueles profissionais, sendo que lá não tem, só tem uma pessoa que na verdade estava aposentado. Ele não tinha nem que estar lá. Uma pessoa que não tinha capacidade mental para lidar com isso porque ele era uma cara meio estranha, deixava o paciente sozinho ou tratava o paciente da pior forma possível, questionando coisas físicas, coisas externas e nem questionando, mais criticava que questionava. E a gente começou a falar "como assim? vocês estão recebendo..." [pausa] E eles falam, isso a gente teve acesso também, que eles fazem cirurgia de pessoas transexuais, acho que eles fazem um homem trans por mês e uma mulher trans por mês. Negócio assim que eles falavam que faziam. Mas a gente conhece todas as pessoas trans que tem aqui. Inclusive tem gente de fora do rio que faz acompanhamento aqui porque não tem atendimento lá. Tenho quatro amigas de Juiz de Fora. Lá não tinha. Ela é ativista e conseguiu agora lá. Ela fazia acompanhamento no H. também. Ou seja, elas tinham que pegar um ônibus, que ela conseguiam com a prefeitura e um horário que eles disponibilizavam. Às vezes elas chegam 5 horas da manhã aqui no Rio e ficava lá no HUPI esperando o atendimento que era 7 horas da manhã, 8 horas da manhã, fazia o atendimento e tinha que ficar até às 4 horas da tarde esperando o ônibus para voltar pra Juiz De Fora. E às vezes chegava lá e o médico não tava, o médico destratava, o médico se fazia de doido. E depois elas conseguiram ir pro IEDE. A gente espalhou pra todo mundo "gente vai pro IEDE. Faz isso, isso e isso..." e todo mundo foi. Agora está mais difícil de entrar, mas na

época era muito fácil assim e entrou muita gente. Elas conseguiram entrar e elas até estavam vindo, mas acho que agora elas conseguiram botar um centro de referencia lá, não tenho certeza mas elas não têm vindo mais. A B., Inclusive, que é uma das mais ativistas que eu converso bastante. Ela também tinha que fazer cirurgia no H. e o dela foi de redesignação. Ela conseguiu após 10 anos também esperando e também porque ela entrou com essa coisa de expor o lugar e ela foi muito corajosa porque acho que eu não iria se me chamasse. Porque depois de tantos relatos, eu não sei o que iriam fazer comigo, entendeu? Ali você pode desconfiar de tudo, de uma coisa simples da pessoa não te tratar do nome que você quer, que pode ser considerado algo simples porque a principio a pessoa não te tratava, você explicar e a pessoa corrigir, tudo bem, mas a pessoa pode continuar insistir naquilo, a pessoa pode te filmar enquanto você está... [inaudível] Eu não sei. Então já fui tentar fazer um exame. Eu precisava fazer um exame pra essa cirurgia também. Isso já foi recente, foi esse ano, depois de todo esse tempo que eu perdi. O laudo não serviu pra nada. O medico teve que cancelar. No IEDE eu consegui o laudo e... [pausa] mas aí eu precisava fazer os exames e eu precisava fazer exame de DST. O médico pediu, me explicou todos os exames e alguns exames eu fiz no IEDE que faz exame de sangue, e tal, aquela coisa toda. Fiz tudo lá tranquilo e algumas eu tive que fazer em outro lugar e aí nesse de DST eu fui... Eu não lembro o nome, mas fica ali na... [pausa] Não tem a Presidente Vargas? Tem um lugar ali enorme, uma casa, perto do correio.

Jonathan: Antiga. Uma casa antiga

J.: É, mas essa aí foi o lugar que eu consegui, mas de frente pra ela tem um outro lugar que também faz. É uma casa bonitinha de esquina, parece uma casa antiga também, mas acho que ela é até rosa, eu tirei foto, mas eu não estou com a foto aqui, está no drive, mas ali também faz exame de DST e eu fui primeiro lá porque eu não estava achando o endereço dessa casa antiga porque estava em obra e não tinha numero nenhum, parecia ser uma casa realmente abandonada. Eu falei "Não deve ser aqui". Fiquei andando a rua o dia inteiro com meu amigo procurando esse lugar e eu fui até lá e expliquei a moça que eu queria fazer os exames de DST, até então ela ficou olhando pra mim "ah tá, tudo bem". Peguei meu documento e aconteceu tudo muito rápido. Eu não tinha o meu RG atual,

eu estava esperando ainda sair o resultado, que já tinha saído o resultado em janeiro, mas pra chegar na minha mão demorou muito pra eu conseguir pegar minha identidade. E... Eu expliquei para ela. Quando eu expliquei para ela a situação, não tinha ninguém para ser atendido, estava ela e mais duas pessoas. A do lado começou a questionar e já virou e começou a me perguntar um monte de coisa, aí o cara que estava virou e também ficou olhando. Estava eu e meu amigo e ela começou a perguntar "ah, mas como assim?". Eu comecei a explicar "Eu sou transexual e tal, preciso disso urgente porque eu tenho que fazer a cirurgia, já marquei a cirurgia e preciso o quanto antes mandar o resultado para eu me tranquilizar, porque eu tinha que ir para Brasília. Tinha que organizar tudo e era com dinheiro contado que as pessoas doaram, então eu tinha que saber tudo pra um amigo deixar eu ficar na casa dele pra eu não ter que pagar um lugar. E ela falou "não, aqui não. É melhor você ir lá no outro lugar". E eu fiquei "Como assim? Não tem ninguém para ser atendido. Você falou que aqui faz". Aí ela "Não, mas você tinha que ter vindo mais cedo". Ai começou a inventar um monte de coisa ai meu amigo olhou assim pra mim sem graça, super sem graça porque ele viu meu desespero, eu estava muito nervoso, eu estava sem dormir um dia. E... [interrupção externa] [risos]. E resumindo ela não quis deixar eu fazer exame. Esse dia eu estava irritado, eu queria realmente reclamar mas eu falei "Sua hora vai chegar". Ai sai, tirei foto do lugar. Ai depois eu fiquei procurando e achei essa lugar, o outro lugar que também faz o exame. Aí eu cheguei e lá tinha uma senhora que já estava saindo porque elas atendem até 11 horas, eu acho. O tempo que eu perdi nesse outro lugar, quando eu cheguei ela já estava saindo. Eu já estava desde 8 horas da manha andando na rua procurando lugar para fazer. Inclusive, fiquei na casa do meu amigo em Santa Teresa para eu conseguir ir até lá e eu fiquei andando. Fui de Santa Teresa até lá de lá eu tava, tipo... eu não tinha como ficar pagando nada. E aí quando cheguei lá, essa senhora falou infelizmente já tô indo embora aí eu falei "pelo amor de Deus" eu expliquei tudo para ela, eu tava quase chorando já aí depois ela falou "não olha vem amanhã que eu vou deixar uma senha para você" aí eu agradei ela e tal. Voltei no outro dia e eu não sabia que era transexual. Nesse lugar, do lado dela, tinha um cartaz do João Nery, Leonardo Peçanha... aas travestis que são responsáveis pela ANTRA (Articulação Nacional de Travestis e Transexuais) de São Paulo. Só gente do

ativismo, cada um do movimento tal porque somos bem unidos nisso. Bem, tava do lado dela. Aí eu expliquei para ela e quando expliquei ela entrou um choque, mas ela foi muito gente fina. [pausa] começou a falar "não mas como assim" Aí tinha uma garota com ela que era quem tava anotando as coisas lá e marcando, aí eu expliquei para ela "tá vendo esse cartaz? Eu expliquei "então aqui tá vendo tá falando da portaria, entendeu? aí você tem que botar o meu nome social" Aí ela "não mas eu vou ter que colocar aqui no registro" aí "eu falei sim tudo bem mas coloca em cima, assim, nome social" Eu aprendi isso com assistente social do IEDE, se a pessoa não quer colocar, eu pego a caneta então e anoto grandão o nome social, e aí ela foi botou. Aí a senhora saiu para almoçar [pausa]. Não, saiu para alguma coisa. Isso era de manhã umas 8 horas da manhã e deixou o papel com essa menina, explicou para menina e eu fiquei olhando porque eu vi que cara dela não estava de convencida. Aí quando ela saiu, eu perguntei para menina "Você entendeu a situação é para chamar por esse nome é meu nome social" aí ela falou "sim" e eu perguntei "tem certeza?" e ela respondeu "tenho". Sentei e fiquei esperando. Olha, eu fiquei de oito horas da manhã até meio dia e meia esperando ser atendido. E tipo lá são senhas contadíssimas. Chegou um cara depois de mim, tipo umas 10 horas da manhã, sentou e menina chamou ele para fazer o exame e eu fiquei... [pausa] eu tava com meu amigo lá até dormindo na cadeira, me perguntando "gente que tá acontecendo aqui?" E essa moça não tinha voltado e quando ela voltou, ela tomou um susto com a gente e perguntou "o que que vocês estão fazendo aqui?" E eu falei então eu também quero entender porque toda hora chega alguém vai fazer o exame. A menina tá olhando para minha cara e ela não está me chamando, eu falei "já era para ter saído daqui" aí ela foi lá perguntou para menina "Por que não chamou? Já era para ter feito o exame há muito tempo atrás. Está desde 8 horas da manhã aqui, aí a menina falou "Não entendi o que era para fazer". aí eu ainda falei "olha, só eu perguntei para você! Eu te dei oportunidade de tirar sua dúvida e você agiu dessa FORMA. Isso não é profissional" [pausa] "né... Na sua vida você não deve fazer isso com ninguém" Depois, eu ia fui, finalmente, fiz o exame. A enfermeira foi muito maravilhosa, ela me tratou muito bem, deu um sorriso de ponta a ponta. Tanto a psicóloga que pega o resultado, quanto enfermeira foram ótimas. A enfermeira até perguntou se eu consegui retificar os documentos aí eu falei "assim... Ainda tá na justiça" Aí ela

falou "espero que você consiga" Me desejou boa sorte. Depois eu fui até lá, a psicóloga me chamou. A psicóloga me fez umas perguntas assim... [pausa] bem constrangedoras, mas tudo bem ela precisava preencher o formulário sobre DST e... [hesitação] hmm... enfim, eu tava muito sem paciência e a psicóloga era bem séria, mas ela era ética e tal, profissional... Ela foi fazer mais perguntas. "As perguntas são íntimas" ela falou, aí eu disse tudo bem. Ela começou a perguntar de relacionamentos aí eu falei que tava no relacionamento aberto como a travesti. Ela perguntou se eu sabia se ela já tinha se relacionado com outras pessoas e eu disse que não sabia e ela perguntou de mim e eu disse que até agora não porque a gente abriu recentemente e eu, até então, não tive vontade. E ela "hm... não sei" Aí depois ela falou assim "mas quando vocês fazem..." [hesitação] [risadas] Isso está sendo gravado [risadas] "Mas quando vocês fazem sexo, vocês ficam de frente assim tipo tesoura, né?" Aí eu pensei "pô, ela "tá" pensando que eu "tô" me relacionando com uma pessoa cis." Aí eu ri e falei "não, preciso ir embora, minha cirurgia é semana que vem" Aí ela concordou e preencheu tudo e tal... Falou que tava tudo certo, me entregou o exame, fui embora mas fui muito feliz. Até voltei lá pra agradecer a enfermeira, quase dei abraço nela. Entre tantas pessoas, é difícil aparecer alguém assim, a gente tem que agradecer. Ela me desejou boa sorte de novo. Então, o descaso vai vim, sabe... [pausa] Começa na recepção, gente... Começa ali. Se a recepção não esta pronta para atender uma pessoa... [pausa] É uma coisa muito estranha porque fiz um exame no particular, em Caxias, porque um dos exames não consegui fazer pelo SUS, porque era muito caro e tive que pagar. Eu achei que o atendimento ia ser péssimo, imaginei... porque se no público que o povo fala da transexualidade, se a gente exige as coisas, tem a portaria e tratam a gente desse jeito, Imaginei que no particular também, iria até se pior. Mas não. [silêncio] Cheguei lá, tudo em tom baixo... você quer isso? e tal... Tem esse nome aqui de registro, mas sou transexual, quero que me chame desse nome aqui.. Ai ele falou "tudo bem" E não teve nenhuma questão. Fiz o exame e só. Inclusive, a médica que fez esse exame pra saber se eu tava com trombose ela morava no mesmo bairro que eu, eu não sabia, e ela... ela falou. Ela ficava assim olhando muito pra mim e eu também tive que fazer a mamoplastia, por que eu não estava conseguindo pelo SUS. E pelo SUS eles mandam você ir lá pro... Pra aquele ali que eu esqueci o nome também, que fica na central,

grandão, rio imagem. Você não consegue entrar lá. Primeiro que é um constrangimento, por que você tem que ir pessoalmente lá entregar o papel, onde só tem mulheres, maioria é mulher. Muito raro você ver um homem lá dentro. Tem um segurança que fica na porta. É muito estranho o atendimento. Tem um segurança na porta, tem uma mulher que fica na porta gritando "o que você quer? Vai fazer o que?". E... na vez que eu consegui colocar o papel lá, foi muito constrangimento por que nessa época eu tava, ficando, tava namorando uma feminista, tava namorando com uma pessoa. Inclusive ela fingia que era eu pra eu poder conseguir fazer as coisas. Ela ia até lá e falava que era com ela. Então... ela ia sempre na frente fazer as coisas pra mim. Então... eu nunca fui chamado. Depois eu fui questionar, tipo, depois de uns três, quatro, cinco meses eu fui questionar num onde eu falei "poxa, não entregaram o papel?" falaram "olha o teu papel bem tá aqui na sala tal", tipo eles devolveram o meu papel. Eles não chamaram. Então eu tive que ir, eu precisava fazer mamoplastia e a... a mamoplastia não. A... perdão.

Jonathan: a mastectomia?

J.: não. A ultrassonografia. Pra entregar também para o médico. Então tinha que pagar também no particular. Também com a ajuda de pessoas. Eu não tinha dinheiro pra nada. E... Essa moça ela fez a ultrassonografia, também era com o mesmo equipamento e ela também fez a ultrassom e eu fiquei assim, incomodado, aí ela falou "olha, fica tranquilo. O seu tempo vai ser muito rápido, não precisa se preocupar." Tipo, eu não falei quase nada com ela e ela soube me tratar muito bem. Inclusive ela perguntou, tipo, ela me desejou sorte na cirurgia, eu disse que tava muito feliz, foi uma conquista, coisa e tal; e foi isso eu fui embora muito bem de lá. Fui bem atendido. Então... assim, mas se eu for botar como eu falei, tipo, o IEDE tem um atendimento muito bom. Bem... é... Alguns lugares têm algumas pessoas que atendem bem. É... Acaba sendo muito da pessoa. No IEDE é uma coisa que é de todo mundo. Eles são profissionais mesmo. Mas tão agindo como... De acordo com o que elas estão para fazer ali mesmo. Mas... Tem lugares que a pessoa ela esquece a função dela e ela age com a opinião dela. Então, no SUS tem muito essa questão, a pessoa não diferencia e não tem informação. A gente não consegue fazer as palestras, eles não procuram, tem gente que tem informação e não passa à diante como no assistencial de Caxias que não passou à diante. Então...

A realidade do atendimento da pessoa transexual no SUS é... Assim você pode perguntar pra qualquer pessoa. Entendeu? É... a gente tá tendo algumas evoluções sim, com muito trabalho, infelizmente a gente tem que ficar exigindo algo. E... Entendeu? É... Muito complicado isso, por que tem lugares que eles falam, que tipo, que as pessoas estão ganhando esse manifesto. Tipo... A pessoa... Olha, eu falo por mim, tipo, eu tenho [áudio inaudível] no meu documento que não garante nada, se eu passo mal eu não vou no medico. De jeito nenhum. O único lugar que eu vou é se realmente eu estiver muito mal, eu tenho eu ta muito mal, a pessoa tem que me levar quando eu não to aguentando mais, por que eu não quero nem ver como é que eu vou ser atendido, por que fora isso eu faço de tudo pra prevenir por que... pra eu não precisar fazer o atendimento no SUS, por que eu não tenho dinheiro pra ir no particular. Como eu falei eu só fiz por que eu recebi ajuda. Não tenho plano de saúde, não tenho nada disso. Então tudo meu é pelo SUS, eu tenho cartão do SUS, que... Tá no nome social. Na época eu não tinha registro. Tava no nome social por que Indianara Siqueira trabalhava como parlamentar lá e... Ela foi pra um evento em Brasília e ela foi pessoalmente por que ela tinha pedido pra que colocasse o nome social no cartão do SUS e eles não queriam colocar. Tava na portaria processual, você tem esse direito, como agora também tem no cpf. E... Eles não queriam colocar então a Indianara foi pessoalmente até Brasília ela entrou lá onde tinha a maquina que fazia o cartão, por que ela pediu pra todo mundo mandar a documentação, RG e o nome social, ela botou na época ela criou esse sistema, ela botava o nome do RG cadastrado no sistema mais o nome social escrito no cartão. Então aparentemente o nome social tava no cartão e se a pessoa abrisse no sistema aparecia o nome social e o nome de RG, a numeração do RG. Ela fez isso e ela pegou os cartões e trouxe pra todo mundo. Então... Tipo assim, uma coisa básica, colocar o nome social, tipo, uma artista tem um nome social, gente. É então falo que isso acaba sendo escroto por que a gente vê que tudo é dinheiro. Na maioria, os artistas não tem o nome que tem. E... Então isso foi o inicio de tudo. Entendeu? É... Hoje a gente já tem essas evoluções que precisou ser radical pra conseguir. Essa coisa do CPF, isso é uma coisa que eu não tenho do que reclamar por que eu finalmente fui em Caxias trocar os meus documentos e eu não tive problema em alguns lugares lá como o CPF. Fui tirar dúvida com alguém e ela já sabia. Ela falou "Ah, é

nome social?" Perguntou pra alguém, aí a menina falou assim "ah, depende, ele... ele... já retificou ou não retificou?" Ai eu falei "O meu é retificação. Ai eu falei "O meu é retificação., então eu preciso trocar tudo." Aí eu falou "Ah, não tudo bem". Foi e trocou. Então, tipo... É... [pausa]. Essa questão, infelizmente, é maior. Se a gente for colocar numa balança, o pouco que a gente tem de qualidade é porque a gente ta ali batendo, sim. Entendeu? Poucas pessoas, bem pouquíssimas mesmo que querem realmente trabalhar com essas pessoas nessa área, entendeu? Que é uma coisa incrível, porque depois, como eu falei, essas médicas elas começaram... A, A... As médicas do IEDE, a entrar tanto assim no assunto transexualidade com reuniões, isso e aquilo, que elas acabaram sendo chamadas pra reportagens, pra isso etc. É uma coisa importante, mas infelizmente muita gente acha que é melhor negar porque o carimbo dele vai "tá" lá porque de alguma forma, não sei porquê, vai trabalhar essa pessoa... do que se informar. O que falta é informação. Não... Não é só informação. É o que mais falta, porque o resto leva como opinião própria, não como profissional.

Jonathan: A próxima pergunta você já até respondeu. Você considera que os funcionários do SUS possuem preparo para atender transexuais? De que forma você consegue perceber isso? Então, acho que já foi. [risadas]

J.: A forma de melhorar é... [pausa] É que eles recebam as pessoas ativistas, as pessoas que são atendidas lá, e façam uma reunião com essas pessoas e pergunte como elas estão sendo tratadas, como elas estão se sentindo, como elas acham que pode melhorar. Isso é uma coisa do ambiente, você tem que se preocupar com isso. E... Como melhorar isso depende deles. A gente "tá" aí. A gente quer melhorar, né... Ajudar a nos ajudar.

Jonathan: A questão 5 é... Você já deixou de procurar tratamento médico por medo de preconceito? Acho que você já até respondeu.

J.: Até hoje... Até hoje.

Jonathan: Como você acha que sua experiência no atendimento médico poderia ser melhor?  
[silêncio.]

J.: É uma pergunta...

Jonathan: Vou repetir...

Bruna: O que você mudaria pra melhorar sua experiência?

J.: O que eu mudaria? Nossa... [pausa]. Pergunta complica, muito complicada. Não sei como com a minha experiência eu mudaria algo. Como falei, não depende só de mim. Tipo.... As experiências foram a maior parte "ruim", é por isso que eu evito. Uma coisa que já falei antes, é sobre informar as pessoas como é atendimento com pessoas trans. Não sei o que eu poderia mudar porque... [pausa]. Não depende só de mim. Eu... É uma coisa de equipe.

Jonathan: Você precisaria do outro pra ele te escutar pra a partir disso criar uma discussão sobre o que mudar, né?

J.: É, Sim. É principalmente com os funcionários. Eles que causam as maiorias das confusões.

Jonathan: Em sua opinião, quais são as principais demandas dos homens transexuais na saúde pública?

J.: É... bom, como falei, atendimento com ginecologista é muito importante. Muitos homens trans não vão, eu mesmo não vou, nem no IEDE vou. É... Tenho paranoia extrema. Eu sou disfórico. EU. Não os homens trans. Eu. Vai de pessoa pra pessoa. Mas... Ah... [pausa] Ginecologia é muito importante. Muitos homens trans se relacionam sexual, eles acabam muitas vezes não indo por medo de preconceito, pelo ambiente não estar apropriado... Acho que todos acompanhamentos são importantes, mas... Ginecologista e endocrinologistas são muitos importantes, principalmente pros homens trans que se hormonizam. Conheço muitos homens trans que usam sem acompanhamento médico. E... Um garoto até me mandou mensagem perguntando o que ele faz agora. Não sei porquê me procurou, não sou médico. Mas ele disse que está com câncer, o vai ter que parar de tomar hormônio. Tava se tacando hormônio. E eles fazem isso por que? Porque não conseguem atendimento. Muitos lugares... Muitos estados não tem atendimento, o SUS não dá atendimento. Uma coisa simples. Mas ele acabou do desespero e fazendo automedicação e... e tem muito isso de câncer no fígado e muito câncer no útero. E o endócrino ajuda nisso, observar a taxa de hormônio no sangue, se tem que usar outro hormônio. Isso acontece. E com certeza eu acho importante ter atendimento com psicológica e ajuda de assistente social. Uma psicóloga que atenda pra ajudar,

né? Pra que essa pessoa não acabe... É... É muito comum suicídio no meio trans, acho que nas outras siglas também, mas to falando pelo movimento T. Eu perdi uma colega e quase perdi uma outra. Por isso é muito importante. No início, eu tinha um receio com isso devido à experiência que eu tive no H., mas é importante sim, pra qualquer pessoa. Então... Acho que é o básico, né...

Jonathan: Você disse que ginecologia é... Falando muito da aversão do homem trans, mas eu gostaria de saber o que tem naquele movimento ali... De ir ao ginecologista, que faz com que os homens trans tenha certo receio de ir ao ginecologista?

J.: Olha, isso aí...

Jonathan: Isso é só uma questão de atendimento, só do nome social ou do ambiente ser predominantemente feminino?

J.: É um pouco disso tudo. É... É como falei, começa com o atendimento. Se você tem uma pessoa que vai lá e te passa segurança, você vai, mas... [pausa] E um preparo do ambiente. Era o que a gente tava tentando fazer, a gente criou uma proposta... Uma forma que o atendimento não fosse... [pausa] Que existe uma dia apenas de atendimento do homem trans. A gente sabe que elas[pacientes mulheres] não vão estar lá, então sugerimos.

Jonathan: Um dia... Acho que um horário específico, né...

J.: Sim, lá tem horários específicos e tem muitos homens trans, então seria bom.

Jonathan: Lá você diz onde?

J.: No IEDE. Não sei nenhum outro lugar que iria. Nem sei como seria nesses lugares, porque nem vou mais. Tenho vontade de voltar em todos esses lugares. Quero voltar lá no PAM... Eu gosto de saber os processos dos lugares, eu pergunto pras pessoas. E... Pretendo voltar, frequentar, só pra saber mesmo como é que tá. Pra ver se consigo como vão me tratar agora.

Jonathan: Sobre o universo do homem trans, o que é para você a luta por direito?

J.: Eu fiz a mastectomia masculinizadora no particular com ajuda. Ahn... Inclusive do próprio médico que faz um baita desconto. Ele é um médico que até processo, tem muitos processos porque as pessoas não aceitam que ele faça cirurgia em trans.

Jonathan: Ele não fez nenhuma cirurgia errado?

J.: Não. Muitos homens viajam pra fazer com ele, do Rio e São Paulo... Muita gente. A clínica é da família dele, ele faz um preço bem em conta e às vezes, no pagamento, dá mais desconto. Te dá todas as informações, passa segurança... Enfim, mastectomia faz no particular e a histerectomia depende do SUS. Não sei se um dia irei conseguir fazer... Inclusive, queria fazer muito por conta do câncer. É... [silêncio] E também porque é dessa área que vem o estrogênio e tudo mais. Ainda mais nessa fase que estou sem emprego, porque hormônio é comprado, não é dado. É... uma coisa que lá no IEDE elas tão tentando com alguma coisa pra ver se consegue pelo menos um dos hormônios pros meninos. Dependendo então do SUS. No IEDE não faz, só no H. e não sei se teria coragem de voltar lá. Agora, neofaloplastia é impossível fazer aqui. Primeiro que eles consideram experimental, não querem liberar. Não é tão eficaz assim... É muito, sei lá... São quatro procedimentos pra conseguir terminar. Fora do Brasil tem várias técnicas, mas aqui é assim. É experimental pra homem cis. Ah, você pode falar "ah, experimental pra homem cis porque ele já tem tudo" Mas não. O caso experimental que teve foi na África, nos Estados Unidos e aqui. O daqui foi um garoto cis novinho, novinho, ele perdeu tudo. Não perdeu uma parte, perdeu tudo por causa de algum acidente, sei lá, e fizeram reconstrução do zero. E eles fizeram teste no menino, ele aceitou fazer, assinaram, fizeram. O garoto se recuperou perfeitamente e tipo... Do zero mesmo. Do zero. E... Também aconteceu isso nos Estados Unidos, com um homem cis de 40 e poucos anos e também na África... Acho que esse teve algum problema, não sei... Acho que ele se matou, não sei. Ele não se adaptou com o negócio, ficou meio louco e se matou. [respiração profunda]. Mas, tá rolando por aí.

Jonathan: É uma possibilidade.

J.: É uma possibilidade. Fico pensando será que eles vão... É, É porque eles não QUEREM. Parece que é... é tudo dinheiro, é... Também rola dinheiro nisso. Eles não querem, tipo, gastar com isso. É muita coisa em jogo. E tem muitos homens trans que estão pagando pra fazer essa cirurgia com essa técnica antiga que... Que faz você tirar parte do seu corpo pra você conseguir montar, não pegam uma técnica diferente pra fazer. Não procuram outras técnicas... E tem OUTRAS técnicas porque conversamos com homens trans de fora do Brasil, temos contato com homens trans de todo

lugar. A gente tem informação, não somos idiotas. A gente sabe o que tá rolando aqui. Entendeu? A gente sabe que eles passam informações, relatórios que a gente sabe que eles não cumprem. Entendeu? Que eu conheço, só dois garotos fizeram essa cirurgia pelo SUS, mas há muito tempo, que estão até satisfeitos, mas... [pausa] Se eu me dispor a fazer com essa técnica agora e depois surgir uma nova, eu vou ficar louco, então não vale a pena.

Jonathan: Entendi. Vou para questão 9. Faltam apenas 3 questões. Sobre o universo trans do homem trans, o que é a luta por direitos?

J.: [Silêncio]. Lutar por direito é uma coisa que eu acho até errado porque [pausa] É direito, né? Então... É o que eu falei no início, é chato você ter que exigir uma coisa que era pra ser simples e... era pra ser e não é. A gente tem que lutar [Hesitação]. Não sei nem se é por direito, nem sei pelo que [pausa]. É um absurdo falar isso. É... [Silêncio] É um absurdo. Eu acho que é uma palavra que descreve lutar pelo direito, seja quem for.

[Silêncio]

Jonathan: É... Questão 10. Quanto o respeito ao nome social é importante para você? Como esse processo de denominação é importante para as pessoas trans? Acho que voce ja respondeu, mas...

J.: É muito importante.

Jonathan: Como esse processo de denominação é para pessoas trans?

J.: É muito importante, porque... Assim, há casos e acasos, né? Cada um gosta de se identificar de uma forma. Tem pessoas que... [pausa] Só querem mudar o nome, não quer mudar o gênero por várias situações. Meu amigo de Brasília não quis mudar o gênero porque ele tem medo de ser preso, tipo... Se acontecer alguma coisa e ele for preso, sei lá... Não sei porque, mas, enfim. Mas se ele for preso, por exemplo,

Jonathan: Ele é negro?

J.: Não, ele é branco, vem de uma situação boa. É... Tem carro, inclusive. É, eu não sei porque mas ele pensou no futuro. Ele é um dos grandes ativistas representantes, ele é representante de Brasília, ele me contou que não mudou por isso. Aqui no Rio estávamos fazendo uma reunião na época com delegado, não sei o que... E tal... Inclusive quem organizou foi a Alessandra [Sobrenome inaudível]

falando da situação das mulheres trans e travestis, falando da situação dela, como negra, como é essa questão da prisão. Então, tipo assim, se uma pessoa já passa por situações difíceis, imagine... É o que eu falo... O caso das pessoas trans, o que difere os homens trans da violência com às das mulheres trans e travestis é isso, porque as travestis, como eu disse, não tem nem o direito de morrer. Elas são sempre humilhadas, agredidas, são tudo... E o homem trans, nesse meio, acontece o estupro, chamado de estupro coletivo, e... muitos deles são internados...

Jonathan: Internados?

J.: É, no hospício. MUITOS. Tem muitos aí pra contar histórias. E... Inclusive, de estupros também. E, tipo assim, essa questão do nome social, a pessoa tem que entender... É aquilo que eu falo, na verdade não é complicado. Um artista pode colocar nome social, agora por que uma pessoa que está se sentindo desconfortável... Ela, ela não está bem com o corpo dela, ela não gosta daquele nome, ela quer retificar o nome dela. O nome social é importante. Apesar de que não sei em que sentido você está dizendo o nome social. Tem duas formas, assim... Que eu trato. Nome social pra mim é enquanto você não tem a retificação. Depois, é apenas o seu nome e está registrado. É porque tem gente que fala "Ah, não sei o que seu nome social..." Aí eu falei "Não, esse daqui é meu nome, que eu uso pra tudo." Nome social é uma forma de falar... De usar outro nome enquanto você ainda tem o outro no registro. Mas... a gente queria implantar a lei da argentina, que a gente conversou com o pessoal de lá e eles conseguiram a Lei da Identidade de Gênero. Pessoas dos Estados Unidos também conseguiram. É... Que é... Aqui a gente chama de Lei João Nery, que é justamente isso. A gente começou com isso de só nome social só pra vê se eles entendiam, aceitavam, e depois a gente veio com essa coisa de retificar para não atrapalhar as pessoas, como aconteceu com o João Nery. É importante porque é necessário para aquela pessoa viver. Ela não está fazendo mal a ninguém, ela não está tirando nada de ninguém.

Jonathan: É... Penúltima pergunta. É... acho que você tocou na hora da sua fala, mas vou fazer a pergunta. Quem você considera mais invisibilizado, a mulher trans ou o homem trans? Por que há essa diferença de tratamento, em sua opinião?

J.: É sim... Os homens trans são sim mais invisibilizado que as mulheres trans e travesti SIM. Na verdade, eles são invisibilizados no LGBTQI... TUDO. Infelizmente, principalmente, com os gays, não sei por quê. A gente ta uma reeducação entre a gente pra conseguir enfrentar a sociedade porque não sei o que está acontecendo, tem um pessoal... Que está se deslocando, está meio perdido. Enfim, sempre tem. Nada é perfeito. Hã... Sim, somos mais invisibilizados por conta já da violência. Tipo... [pausa] O homem transexual, vou falar por uma parte, na verdade, uma parte dos homens trans, não liga pra essa coisa de passabilidade. Eles não querem passabilidade, eles querem viver do jeito querem. Só que, infelizmente, na sociedade que a gente vive, precisamos da passabilidade, pra que a gente não seja estuprados no banheiro, não seja agredido no corredor, pra que a gente consiga entrar no bar sem ser... Sei lá, passar por um constrangimento. É... Então, tipo assim. As travestis são histórias, são resistências. Já são vistas há muito tempo. As travestis não têm como se esconder. Os homens trans, tá aqui... Pegou uma camisa larga, uma bermuda, amarrou uma faixa nos peitos... É muito sacrificante, SIM! Muito. Minhas costas ficavam enormes. Mas pra travestis, é muito mais investimentos e acabam não conseguindo se esconder. Ela ta na frente de tudo, tá como um escudo. Acaba que a gente fica escondido ali atrás. E elas falam pra gente sair das saias delas porque a gente tem medo de sair e ter que passar pela metade do que elas passam. Então, a gente não quer... e tentamos ter a passabilidade pra não que passar pelo que elas passam. Temos medo de não aguentar, e, realmente, muitos homens trans não aguentam. Muitos já destransicionaram inclusive, porque eram estuprados uma vez por ano por membros da família. E tentam se matar... Então, o quanto a gente puder disfarçar e passar, a gente passa... E a gente realmente passa com mais facilidade na transição. Conseguimos esconder ali ou aqui, gestos, posturas. Passar de... Não passar como homem, mas passar sem ser morto, sem ser agredido. Então, a gente realmente se escondia atrás delas, e agora aos poucos estamos tentando colocar a cara. Mas muitos têm medo de mostrar, de sofrer violência. Temos medo, acaba que não temos invisibilizados porque alguns não têm coragem de se impor. Nas mesas, as travestis estão lá falando delas, estão impondo o que elas querem, entendeu? São poucas as referências que temos. Estamos um pouco melhor, estamos tendo mais oportunidades. Eu fui chamado agora... É... [pausa] Semana passada, pra estar numa mesa

sexta-feira. Eu nunca participei de uma mesa e é pra representar Caxias. Na mesa só ia ter mulher trans e travestis. Só que esse pessoal que chamou, são pessoas cis, que fizeram um filme chamado "Transbaixadas" e só botaram mulheres trans e travestis. Eles apresentaram o filme num evento em Niterói, só que chamaram o João Nery. João Nery escrachou "Quero saber porquê não tem homem trans no filme. Não tem homem trans na baixada?" Aí o rapaz foi e me procurou. Então, agora que a gente ta começando a ter uma visibilidade, mas porque estamos só agora começando a caminhar, mostrar nossa cara. Mas é difícil.

Jonathan: Dentro do movimento LGBT, você acha que existe um descaso do movimento com os homens trans? De que forma o movimento LGBT poderia ajudar os homens trans nas suas reivindicações, principalmente, na saúde?

J.: [Silêncio] É... Descaso tem, obviamente, tem até no movimento T. Então, né... Quem dirá nós outros né. Eu falei aqui dos gays cis, mas as lésbicas cis são ainda maiores... [pausa] Porque tem as redfem (feministas radicais). Inclusive, elas têm uma "psicologia" lá com os homens trans onde tentam reverter. É brabo. O cara que fundou o IBRAT destransicionou e virou redfem, depois de anos... Até ataca um pessoal. O pior não é a pessoa se destransicionar, mas sim ficar contra o movimento que ele criou, atacar as pessoas. Mas deixamos pra lá. Então, o movimento tem essa questão de ter muitas lésbicas cisgêneros que são feministas radicais e os gays misóginos. Eu falo "alguns" porque realmente não são todos. Não sei se já ouviram falar da Casa Nem, mas eu já trabalhei lá como bartender. Eu frequentei e tipo... Lá o maior movimento é de gays cis. E eles estão tipos... Sempre com homens trans. É o que se ver sempre. É aquele movimento de ficarem objetificando e sexualizando os homens trans... Acabou que as pessoas trans fecharam um círculo de se relacionarem entre elas, e aí quando vem alguém cis a gente fica meio assim... [pausa]. Lésbicas nem pensar, não tem que ficar com homem trans, a não ser que seja com uma mulher trans ou travesti, aí é com elas. Mas com homem trans não faz sentido. Não rola. A não ser que... sei lá, não é lésbica, não se rotula, é bissexual ou pansexual. Sei lá o que, outro caso. Tem o preconceito... É, é, transfobia e falta de apoio. É chato porque quando a gente quer colocar isso na mesa, tem movimentos que não querem discutir isso... "Ah, vocês querem ser superiores". Não é

ISSO. A gente quer reconhecer até onde está sua conquista e até onde você interrompe a conquista do outro. "ah, mas gays também passam por isso". É obvio que gays passam por isso, morrem, são agredidos, isso não mudou. Isso continua. Mas o movimento gay já tem uma boa evolução. Um exemplo foi a parada LGBT foi "Minha identidade de gênero", sobre transgêneros. E eu cheguei na Parada e simplesmente, não tinha nenhuma bandeira trans. Quem chegou lá com a bandeira foi a Indianara e um rapaz que chegou com a bandeira e jogou na mão do João Nery. Todos os carros... [pausa] Não tinha... Não podíamos nem subir nos carros. E um carro, só conseguimos subir porque a Indianara ajudou. Todos os outros estavam lotados de pessoas cis, e pior, cis héteros que eles contratam tratam... Gogoboys pra ficar dançando de anjinho. Não sei que m\*\*da é aquela. É carnaval aquilo? Então... Acho que é isso, pra melhorar, elas têm que reconhecer até onde eles conseguiram chegar e dá esse espaço pras outras pessoas. São poucos, não todos que fazem isso. É aquela coisa de reconhecer privilégios. Eles não têm privilégio perante a sociedade, mas ao movimento, os gays tem privilégio. Assim como o homem trans branco tem privilégio sobre o homem trans negro. Então, temos que reconhecer isso. Ter noção das coisas. Um ajudando o outro, entendeu? Mas... Tipo [pausa] Pro movimento melhor, as pessoas tem que parar com isso de estrelismo, reconhecer os privilégios no movimento e botar o outro pra cima também. Dar a mão pro outro pra puxar pra cima também porque se não estiver juntos a gente não consegue.

ENTREVISTADO K.:

1 - Você utiliza ou já utilizou as unidades do Sistema Único de Saúde para assistência médica?

K.: Sim

2 - Como é sua experiência quando precisa utilizar unidades do SUS?

K.: Frustrante.

3 - Já presenciou algum preconceito/discriminação/desrespeito em algum atendimento médico? Ocorreu no SUS?

K.:Sim, no início da transição. O SUS era o único centro de referência para acompanhamento do processo transexualizador, nao tinha em nenhum outro lugar nem público nem particular então recorri ao SUS. Logo pra fazer o cartão de atendimento passei por constrangimento pois não havia a questão de nome social ainda, então foi tudo muito complicado.

4 - . Você já deixou de procurar tratamento médico por medo de preconceito?

K.: Nessa época, sim. Como não dependo mais do SUS (e mesmo que quisesse, atendimento lá está impossível), não vivencio essa experiência. Mas fiquei muito tempo fazendo a transição sem

acompanhamento e sei de pessoas trans que relatam discriminação no atendimento principalmente na recepção.

5 – Você já deixou de procurar tratamento médico por medo de preconceito?

K.: Sim

6 - Você considera que os funcionários do SUS possuem preparo para atender transexuais? De que forma você consegue perceber isso?

K.: Bem, vamos da base. Nossos médicos não estão preparados para atender as pessoas trans. Precisamos de exames de diagnóstico, por exemplo, e é sempre um constrangimento para um homem trans fazer uma simples ultrassonografia. Tenho o privilégio de ter um bom plano de saúde e nenhum endócrino aceitou fazer o acompanhamento por falta de preparo. É extremamente necessário mais pesquisas a cerca de nossas vivências de forma científica e não apenas sociológica.

7 - Em sua opinião, quais são as principais demandas dos homens transexuais na saúde pública?

K.: Todas. Desde as mais básicas a... todas. Não precisamos só de endócrino. Precisamos de ginecologistas, cirurgiões, nutricionistas, psicólogos... precisamos de respeito e luz a ignorância para sermos bem tratados num consultório. Existem homens trans com mais de 30 anos que nunca foram ao ginecologista, isso é absurdo! E nossa saúde?

8- Sobre o universo do homem trans, o que é para você a luta por direito?

K.: A nossa vida infelizmente gira em torno disso. Cada dia é uma batalha.

9 - Quanto o respeito ao nome social é importante para você? Como esse processo de denominação é importante para as pessoas trans?

K.: Eu consegui através da defensoria a retificação do nome, mas acredito que isso tenha sido uma baita ajuda para muitos. O problema é que nem todo lugar aceita e... porque não agilizar o processo que torna isso oficial né? Identidade é tudo, é quem você é na sociedade que vivemos.

10 - Quem você considera mais invisibilizado, a mulher trans ou o homem trans? Por que há essa diferença de tratamento, em sua opinião?

K.: Sim, por questões históricas. Sempre existiram ambos, porém como referência na mídia somente na atualidade que se tem informação sobre homens trans.

11 – Dentro do movimento LGBT, você acha que existe um descaso do movimento com os homens trans? De que forma o movimento LGBT poderia ajudar os homens trans nas suas reivindicações, principalmente, na saúde?

K.: É o famoso "nós por nós". Tem gente preocupada, mas não vejo o movimento para isso. Ainda há muito apagamento e silenciamento. Nós que devemos nos unir e fazer nossas reivindicações, até porque, apenas os homens trans podem saber de suas necessidades etc.



## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, G. S. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2), p. 513-523, maio-agosto 2012.

ARÁN, M.; MURTA, D.; LIONÇO, T. Transexualidade e Saúde Pública no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. Vol. 14. Nº4. Jul./Ago. 2009

ARÁN, M.; MURTA, D. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. Vol 19. Nº 1. 2009.

ÁVILA, S & GROSSI, M. P. Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexoerência masculina. Artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, 2010.

ÁVILA, S & GROSSI, M. P Reflexões sobre igualdade, justiça e tecnologias no processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. Artigo apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia, GT22 - Sexualidades, corporalidades e transgressões, 2011.

BARCELLOS, Caco, et al. Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Profissão Reporter, G1, 26 de abr de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>> Último acesso em: 21 de novembro 2017.

BORBA, R. Receita para se tornar um "transexual verdadeiro": Discurso, interação e (des)identificação no processo transexualizador. *trab. ling. aplic.*, campinas, n(55.1): 33-75, jan./abr. 2016

BRASIL, Cirurgias de mudança de sexo são realizadas pelo SUS desde 2008. Governo do Brasil. Portal Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/cirurgias-de-mudanca-de-sexo-sao-realizadas-pelo-sus-desde-2008>> Acesso em 22 de nov de 2017.

BRASIL. Conselho Federal de Medicina, RESOLUÇÃO CFM nº 1.955/10. Brasília, 2010. 6p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 457, 19 de agosto de 2009. 15p. Disponível em: <<http://www.saude.go.gov.br/public/media/EU6sWLAaw55isy/10903169095990901106.pdf>>. Acesso: 28/11/2016>

BRASIL, Ministério da Saúde. Carta dos Direitos dos Usuários do SUS. Brasília, 2012. 26p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica. Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. PENSE SUS. Disponível em: <<https://pensesus.fiocruz.br/determinantes-sociais>> Acesso em: 28/11/2017.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: Balanço das Denúncias de Violações de Direitos Humanos. 2016. 132p. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/disque100/balancos-e-denuncias/balanco-disque-100-2016-apresentacao-completa/>> Acesso em: 21 de novembro de 2017.

BRASIL. Transexuais e travestis poderão usar nome social em cartão do SUS. *Portal Brasil*. 2013. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/01/transexuais-e-travestis-poderao-usar-nome-social-em-cartao-do-sus>>. Acesso em: 28/11/2016.

BUTLER, J. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2003, p. 17-56.

BRASIL. Lei número 8.080, 19 de setembro de 1990. Lei Orgânica da Saúde. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm)> Acesso em 28/11/2017.

BRASIL. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. 1ª ed. Local: Ministério da Saúde, 2013. 36p.

BRAZ, C; SOUZA, E. Antropologia e políticas de saúde para homens trans no Brasil contemporâneo – diálogos entre duas pesquisas. 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB. 20f.

BUSS, P.M.; FILHO, A.P.; A Saúde e seus Determinantes Sociais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 78-87, 2007.

GOMES, Gustavo, et al. Eu, trans: Quero te mostrar quem sou. Empresa Brasil de Comunicações. Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.abc.com.br/trans>> Acesso em 21 de novembro de 2017.

GONÇALVES, D; CARDOSO, L. A invisibilidade dos homens trans na bandeira colorida. Carta Capital. 27 de jul de 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-invisibilidade-dos-homens-trans-na-bandeira-colorida-1921.html>>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.

JESUS, Beto. et al. *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. CORSA/ECOS, 2008

KOMETANI, P. et al. Dois homens trans contam como é procurar emprego no mercado de trabalho formal. G1. 29 de ago de 2017. Vídeo-reportagem. (3min47s).

LEITE, H. Correio Brasiliense. Receber cuidados médicos é desafio para transexuais. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/receber-cuidados-medicos-e-desafio-para-transexuais>> Acesso em 22 de nov de 2017.

LIMA, F.; CRUZ, K.T. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro. Nº 23. Mai/Ago 2016.

MARTINS, F. Mulheres e homens transexuais relatam rotina de humilhações no acesso ao mercado de trabalho. [29 de jan de 2017]. Revista Fórum, Os Entendidos. São Paulo. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2017/01/29/mulheres-e-homens-trans-relatam-rotina-de-humilhacoes-acesso-ao-mercado-de-trabalho/>> Acesso em: 22 de nov de 2017.

NERY, J.; SANTOS, A. *Com a palavra, os homens trans*. [12 de dezembro de 2014] São Paulo: Revista Fórum Semanal. Entrevista concedida a Jarid Arraes.

ORLANDI, E. P. As formas do silêncio. 6ª Edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 177p.

PORTO, J. Invisibilidade social e a cultura do consumo. 2009. 4p.

PREFEITURA DE SÃO PAULO, Secretaria Especial de Comunicação. Transcidadania completa um ano e dobra número de beneficiários. São Paulo, 2016. Disponível em:  
<<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/transcidadania-completa-um-ano-e-dobra-numero-de>>.  
Acesso em 22 de nov de 2017.

PREFEITURA DE SÃO PAULO, Trabalho e Empreendedorismo. Projeto Reinserção Social Transcidadania. São Paulo, 2014. Disponível em:  
<[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/trabalho/cursos/operacao\\_trabalho/index.php?p=170430](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/trabalho/cursos/operacao_trabalho/index.php?p=170430)> Acesso em 22 de nov de 2017.